

RIO BRANCO:



nosso bairro,
nossa história

AUTOR:

Felipe Cogo

RIO BRANCO:

**nosso bairro,
nossa história**

Felipe Cogo



2023

Ficha Técnica

Todos direitos reservados à editora Simples Assim e ao autor. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por terceiros, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou em cópias reprográficas, sem autorização prévia da editora e autor.

C676r Cogo, Felipe

Rio Branco: nosso bairro, nossa história / Felipe Cogo –
Novo Hamburgo: Simples Assim, 2023.
100 p.

ISBN 978-65-991842-7-7

1. História. 2. História – Rio Grande do Sul. 3. História - Canoas. 4. Rio Grande do Sul – Canoas. 5. Canoas - Bairro Rio Branco. 5. Memórias.
I. Título.

CDU 94(616.5)

C676 Cogo, Felipe

Rio Branco: nosso bairro, nossa história / Felipe Cogo – Novo Hamburgo
Bibliotecária Responsável: Gabriela Pinheiro Souto – CRB 10/1549

Expediente

Texto: Felipe Cogo

Pesquisa e revisão: Ines Carolina Reichert

Assistência de pesquisa: Bruno Eduardo da Silva

Planejamento cultural, coordenação editorial e edição: Camila Borniger e Daniel Henz (Simples Assim)

Edição: Raíssa Gabriela Morés

Entrevistas complementares e vídeos: Paula da Luz (CM3.com)

Projeto gráfico e diagramação: Denis Neves (CM3.com)

Revisão de textos: Ananda Feix

Fotos: Gustavo Garbino, Marcos Quintana e Paula da Luz (CM3.com)

A produção desta obra foi viabilizada com financiamento do Ministério da Cultura, Governo Federal, União e Reconstrução.



**Lei de
Incentivo
à Cultura**
Lei Rouanet

Patrocínio:

4Cofercan
Soluções em Aço

Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Canoas

O município de Canoas está localizado na mesorregião Metropolitana da capital do estado e na microrregião de Porto Alegre. Sua povoação teve início em 14 de abril de 1874, com a inauguração do trecho da estrada de ferro. A área onde o município está situado hoje antes era habitada pelos indígenas Tapes, e seu nome deriva da antiga estação férrea, Capão das Canoas, que, por sua vez, tem origem na confecção de uma canoa que foi utilizada no local.

Em 1938, Canoas assumiu a condição de Vila e, já no ano seguinte, emancipou-se das cidades de São Sebastião do Caí e de Gravataí. Foi somente em 15 de janeiro de 1940 que o município de Canoas foi instalado oficialmente.

Hoje, Canoas é conhecida como a cidade dos aviões, e sua história já conta com mais de 80 anos. A cidade destaca-se por abrigar o terceiro maior parque tecnológico em área total do país, ter o terceiro maior PIB do Rio Grande do Sul e estar entre os 47 maiores do Brasil. Além disso, é um lugar que valoriza a cultura e está sempre de braços abertos para sua população.

Sumário

1

RAÍZES

O que são nossas raízes	11
Relembrar a história é construir pertencimento	11
Raízes que nascem de um passado comum	12
Raízes que estão sempre em renovação	15
Os primeiros tempos do bairro Rio Branco	18
Um Rio Branco rural: o período das chácaras	20
Memórias do Frigosul	21
A presença da Igreja Católica no bairro	24
Darci: do ônibus para a empresa de aço	28
Um bairro onde o passado e o presente acolhem e enraizam	33

2

COMUNIDADE

A comunidade do bairro Rio Branco	38
A Associação dos Moradores do bairro Rio Branco	40
A escola e a comunidade	44
Os desafios da pandemia e a escola	52



3

CONVIVÊNCIA

O bairro que se fez família na rua: a convivência no bairro	58
O futebol e o bairro: uma história longa	65
Carnaval: um bairro em festa na rua	67

4

RENOVAÇÃO

Uma casa sempre tem mudanças	71
A infraestrutura do bairro: ontem e hoje	83

DEPOENTES	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97

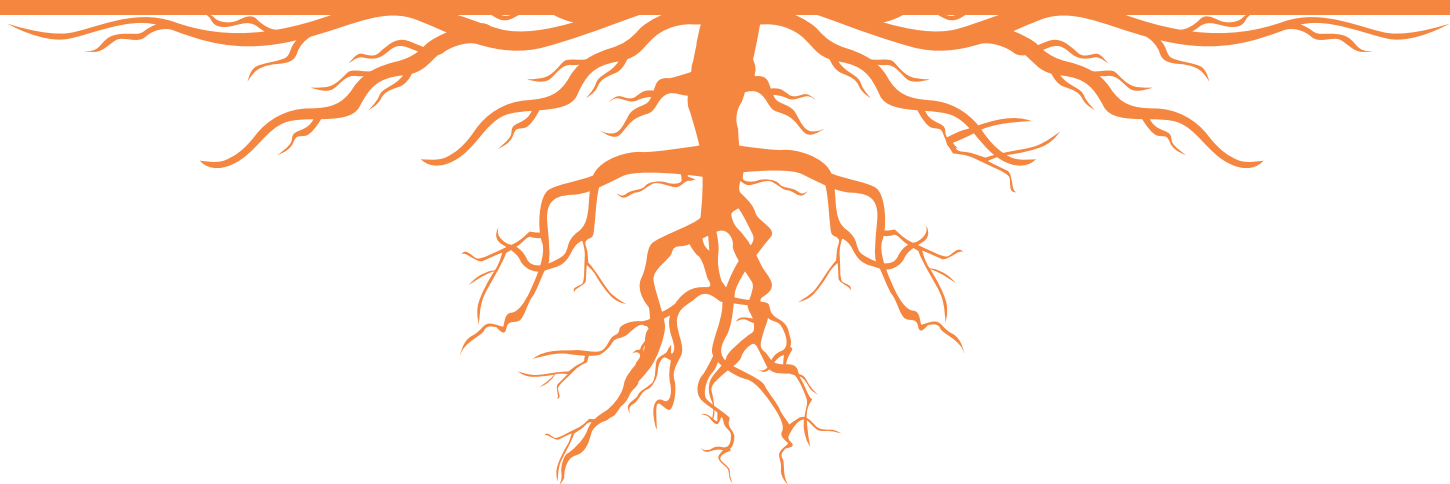


Rio Br



anco

Raíces



O que são nossas raízes?

As histórias e a cultura transmitidas pelos moradores dão vida e forma ao bairro Rio Branco e fortalecem as novas gerações.

Todos gostamos de contar e lembrar as histórias de família! É em casa, conversando com avós, tios, primos e amigos, que as melhores memórias de outros tempos são acessadas e lembradas. Algumas dessas histórias até são evidências e experiências do bairro em que se viveu, que cresce e se desenvolve a cada dia e se reflete nos depoimentos colhidos junto aos moradores desse bairro. É na vida cotidiana e nas expressões da comunidade, alimentadas pelas vozes das famílias que vivem no bairro, que a história do Rio Branco ganha força e mantém-se pulsante.

Para aqueles que não vivenciam o bairro Rio Branco, é importante destacar que ele é vivido como uma casa em que os moradores se ocupam, rotineiramente, em rememorar o passado e estabelecer raízes. Essa característica constitui-se como um marco referencial que permite às pessoas compartilharem uma identidade muito particular, a de ser morador do bairro Rio Branco.

Relembrar a história é construir pertencimento

No depoimento de Priscila Fernandes, que é moradora e professora no bairro Rio Branco, o costume de contar e ouvir histórias dos moradores originais é citado: "A minha mãe foi adotada por esta família, quando ela era pequena, e foi morar ali. E hoje eu escuto as histórias, meus tios contando... eu escuto que eles tinham muita plantação de milho e que roçavam. Eles foram os primeiros moradores daquela rua".

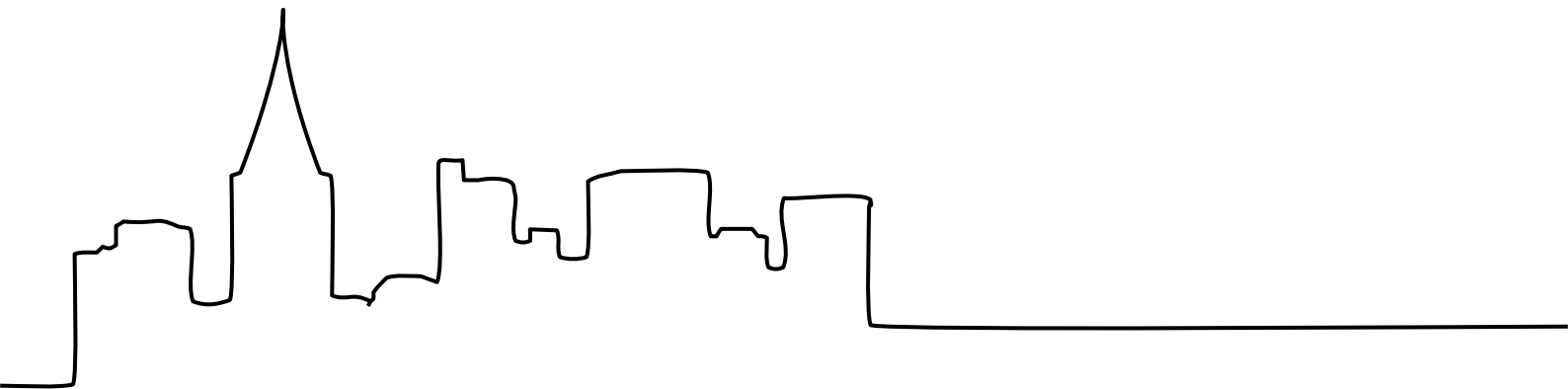
Para a professora, lembrar a história contribui para construir pertencimento ao local onde se vive, como no período em que a comunidade utilizou a escola para reuniões sobre um projeto em torno do complexo da Praça CEU. Segundo ela, "Nesse período surgiu de trazer as lembranças, de fazer a história do bairro e saber como esse bairro se deu, como as pessoas que estavam ali criaram essa história. E com isso eles conseguem sentir que a escola é deles..."

Uma vida sem história, vivida sem reflexão, não faz parte da identidade partilhada de cada morador do bairro Rio Branco. Nesse sentido, a valorização da voz dos participantes da obra ***Rio Branco: nosso bairro, nossa história*** foi construída pelas memórias do passado e do presente, com base em uma pesquisa de História Oral, que procura trazer tempos e modos de vida à sociedade que já não lhe são acessíveis, dando mais atenção aos hábitos e aos fazeres ordinários do que aos fatos e conjunturas históricas.

As entrevistas indicaram as características importantes do bairro aos olhos dos participantes e dos autores dessa história: um Rio Branco que possui raízes, raízes que foram plantadas ao longo de uma vida em comunidade e convivência, que têm na renovação sua marca maior. A seguir, destacamos alguns desses valores levantados pela pesquisa e que formaram o eixo da obra.

Raízes que nascem de um passado comum

O bairro Rio Branco teve sua história de povoamento datada após os anos de 1930 do século XX, e excluindo-se as famílias iniciais, as quais eram proprietárias das chácaras, os moradores vieram de fora, da região de Porto Alegre ou mesmo de outras regiões do estado. Recém-chegados, esses novos moradores tiveram que “plantar suas raízes aí”, a partir de uma espécie de história fundacional comum. Essa origem comum serve, assim, para si e para os descendentes, como um ponto de partida para que as raízes, arrancadas de outro lugar, possam ser replantadas em um novo local.





É pelo entrelaçamento das histórias dos moradores que são partilhadas e lembradas as memórias coletivas e construída a identidade do grupo, desde os primeiros moradores até as raízes de quem mora agora, como se percebe na lembrança trazida por Isolete Vasconcellos Soares — Kika como é conhecida — moradora do bairro e funcionária da escola Monteiro Lobato:

Desde o tempo que a gente mora lá na rua Damas de Andrade, acho que tudo é morador antigo. Os avós da Priscila plantavam na época e estão tudo ali ainda. Tem os que já foram e os que chegaram... os que estão ali não saem mais dali.

A ancestralidade raiz é visitada nas histórias e na memória, usando múltiplos recursos para dar suporte a elas: nos espaços domésticos das famílias dos moradores ou mesmo nos espaços sociais e comunitários, como a escola que se abre para projetos voltados a lembrar a história do bairro; nos espaços públicos, que recebem seus visitantes com fotos antigas afixadas na parede. Ou mesmo nas marcas que ficaram no próprio corpo, como as cicatrizes de traquinagens de infância de Carmem Trillo Salvador, antiga moradora do bairro, ou o brasão da escola de samba tatuado no corpo de Tatiano Côrrea Machado, morador e participante de várias histórias do Rio Branco.

Explorar a história e suas origens, saber de onde vieram os antepassados, possibilita conectar esse passado com o futuro e as novas gerações. A raiz da comunidade é assim construída ativamente por todos, que partilham um modo de ser e pertencer ao bairro Rio Branco, gerando para a localidade uma história e uma identidade coletiva.

É com as histórias, a cultura, a escola e a família que se criam e se distinguem a identidade de um povo.

O bairro Rio Branco floresce a cada oportunidade, se desenvolvendo de forma dinâmica e consistente, pelo amor e pelo empenho das pessoas, tirando do papel a utopia do desenvolvimento através das raízes locais.

Uma das características do bairro Rio Branco, demonstrada pela pesquisa, é a existência de moradores antigos, que sempre viveram no bairro, ou que para lá se mudaram e permaneceram, como o senhor Idelmar da Silva, diácono da igreja e que se mudou para o bairro há 50 anos:

Minha frase seria “Daqui eu não sairei mais”, a minha família toda é o bairro Rio Branco.

Esse aspecto em especial permitiu que a convivência e a vida em comunidade ao longo do tempo fossem acontecendo. Como se vê no depoimento de Marina Fernandes da Silva, moradora do bairro e funcionária da empresa Cofercan:

Moro aqui a minha vida toda, na praça. Quando eu era criança só tinha uma padaria e a borracharia do Sr. Ari. Hoje cresceu muito o Rio Branco, tem dois supermercados, rede de farmácia e os próprios moradores abriram seus negócios aqui. Os fundadores da Cofercan sempre estiveram presentes no bairro, a empresa cresceu porque eles sempre acreditaram. Eu vejo que eles gostam do bairro e querem que as “coisas” e o bairro aconteçam, e é por isso que investiram aqui. Eu passava na frente da Cofercan quando era pequena e pensava, um dia ainda vou trabalhar nesta empresa. Realizei meu sonho, trabalhar lá e ficar morando com a minha filha no bairro.

O passado do Rio Branco foi de luta e dificuldades, mas com momentos muito felizes que possibilitaram que as relações sociais no bairro se constituíssem como próximas, afetivas e familiares, tornando-o uma *casa* de profundas Raízes.

São estas memórias das experiências de vida, registradas em relatos profundos, que apontam sentimentos diversos e únicos sobre o bairro. Como se pôde perceber na narrativa de Priscila, quando ela relembrou seus sentimentos de amor e vínculo com a escola e o bairro:

Eu tenho recordações de momentos com os professores. Quando eu comecei a estudar, era um sonho trabalhar na escola Monteiro Lobato, um sonho meu e de minha família, que pude realizar.

Esse pertencimento ao bairro que a professora demonstra se construiu ao longo da convivência em comunidade, algo que ela percebe existir também nas famílias de seus alunos, o que se evidenciou no momento da construção da Rodovia do Parque. Na época da implementação do projeto, o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), garantiu o direito à moradia às famílias que tiveram que ser deslocadas para que a rodovia ganhasse vida. Foram investidos recursos na construção de uma vila para abrigar cerca de 600 famílias da região, instaladas, em sua grande maioria, no município de Canoas.

De acordo com Marina, a avó foi a primeira moradora da praça, o famoso Elo:

“Ali era tudo mato, a gente foi ficando.”

Para Priscila , o momento foi marcante:

Quando a BR-448 saiu, aí aqueles moradores que tinham ali foram realocados em outro bairro. E até hoje nós temos alunos que não querem se mudar para escolas mais próximas de onde moram agora, eles querem permanecer na Monteiro Lobato. Porque é aquele sentimento “Aqui é meu lugar, não me sinto bem em outro lugar”. Eles têm essa relação “Eu fui aluna, agora meu filho está aqui”. Eu consigo perceber que as pessoas sentem que a escola é delas.

Raízes que estão sempre em renovação

O Rio Branco é um bairro que cresceu ao redor da história do Frigorífico Sul-Riograndense (1939 - 1982). A empresa, e a vida que se construiu ao redor dela, passaram a ocupar um espaço extremamente significativo nas memórias sobre o bairro, de forma recorrente e de referência marcante, de tal maneira que atualmente ainda são lembrados. O Frigosul, como é mais conhecido, originalmente pertencia à família Oderich, tendo se estabelecido em Canoas no ano de 1936. De forma estratégica, por necessidade de água, fixou endereço no Rio Branco.

Foi de fato a primeira grande empresa de Canoas, chegando a ter frota de ônibus exclusiva para o transporte dos seus funcionários. Na memória dos atuais moradores, a lembrança remanescente é o time de futebol, ativo até hoje. Após diversas crises econômicas, no ano de 1982 suas portas foram fechadas e as atividades encerradas.


Apesar dos desafios enfrentados e a busca constante por superação, os moradores sempre acreditaram na potencialidade do bairro. Haja vista que ele beira a capital, Porto Alegre, um benefício que desde sempre fez com que o local prosperasse, conferindo sustentabilidade para o tráfego de rotas comerciais, que desde cedo foram estabelecidas ali.

O Brasil, ao longo de sua história, sempre privilegiou as rodovias como alternativa para o transporte de cargas e, inclusive, esse foi um dos motivos para que uma das atuais e importantes empresas do bairro, a Cofercan – Comercial de Ferros Canoenses, se estabelecesse no Rio Branco na década de 80, mesmo período do encerramento das atividades do Frigosul. Ali, a Cofercan estaria posicionada estrategicamente para a distribuição dos seus produtos. Marina relembra da infância no bairro e a relação dos moradores com a empresa:

O bairro cresceu junto a Cofercan. Eu lembro quando era pequena, eu vinha muito na Cofercan e hoje trabalho aqui. Esta empresa ajudou no sustento da minha família e de muitas outras daqui do bairro. O bairro sempre teve muitas serralherias, muito por conta da Cofercan. Hoje essas serralherias se modernizaram, mas pertencem às mesmas famílias e elas continuam aqui, no mesmo bairro da Cofercan.

No século XXI, os efeitos do crescimento da Grande Porto Alegre também se intensificam. No início dos anos 2000, os engarrafamentos entre as cidades da região metropolitana que são caminhos para a Capital do estado tinham diariamente uma extensão de 43km na BR-116. Esse trajeto, que deveria ser de 30 minutos, muitas vezes levava até duas horas. Por isso, a BR-448 foi uma obra esperada por muitos, inaugurada como uma nova opção de desafogamento do trânsito com um olhar para o desenvolvimento socioeconômico. Inaugurada em 2013, a BR-448 é uma rota obrigatória para quem se desloca de Porto Alegre em direção às mais importantes regiões econômicas do norte gaúcho, interligando também o Vale do Rio dos Sinos, o Vale do Rio Taquari e a Serra Gaúcha. A rodovia, localizada às margens do Rio Branco, tem grande relevância para o bairro e para Canoas, transformando vidas e sentimentos, como se observa no relato da professora Priscila:

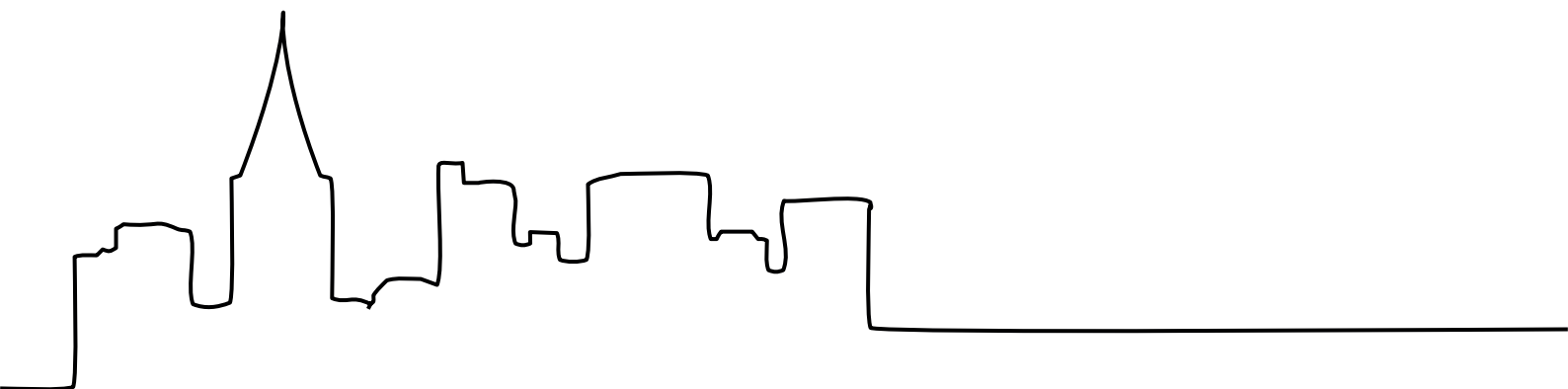
Investir e acreditar. Esta é uma das marcas dos moradores e dos empreendedores do bairro que, mesmo nas maiores adversidades, não desistiram dele e permanecem investindo no crescimento do Rio Branco.



A década de 90 deixou heranças até os dias de hoje e, no mundo, é considerada por muitos como um período de ouro para a cultura e para o consumo. Nessa época, o bairro demonstrou um novo perfil populacional, os jovens estavam implicados em uma consciente compreensão do próprio papel, enquanto o país e o mundo encontravam-se em um momento de efervescência na política, na economia e na cultura.

A urbanização se intensificou e complexificou as relações, modificando as configurações dos lugares, assim, as novas formas de pensar e de viver começam a ser reorganizada pelos próprios moradores do local. Esse processo ocorreu não só no bairro Rio Branco, mas em um contexto global, quando a tecnologia se desenvolvia e se transformava a cada momento.

Os brinquedos eletrônicos como o tamagotchi e uma versão do Windows surgiram na década de 90, assim como o telescópio da NASA, Hubble, que foi lançado no espaço e registrou imagens inéditas da galáxia. Para Marina, moradora do Rio Branco, as mudanças tecnológicas também são percebidas no Rio Branco, pois para ela, depois da pandemia, os jovens do bairro já não ocupam tanto o espaço da rua, pois se antes eles saíam para jogar vôlei e andar de bicicleta, agora se reúnem virtualmente para jogar.



Os primeiros tempos do bairro Rio Branco

Os primeiros moradores do Rio Branco recordam de um bairro com ares do campo em seu início, como conta Nilson Roberto Andrades, ou simplesmente Beto, como gosta de ser chamado, em seu depoimento. Ele narra que seu pai nasceu em 1906, em São Sebastião do Caí e que veio para o bairro, em Canoas, na década de 30, para trabalhar na agricultura. Segundo Beto, na década de 40 seu pai já havia buscado toda a família para morar aqui no bairro:

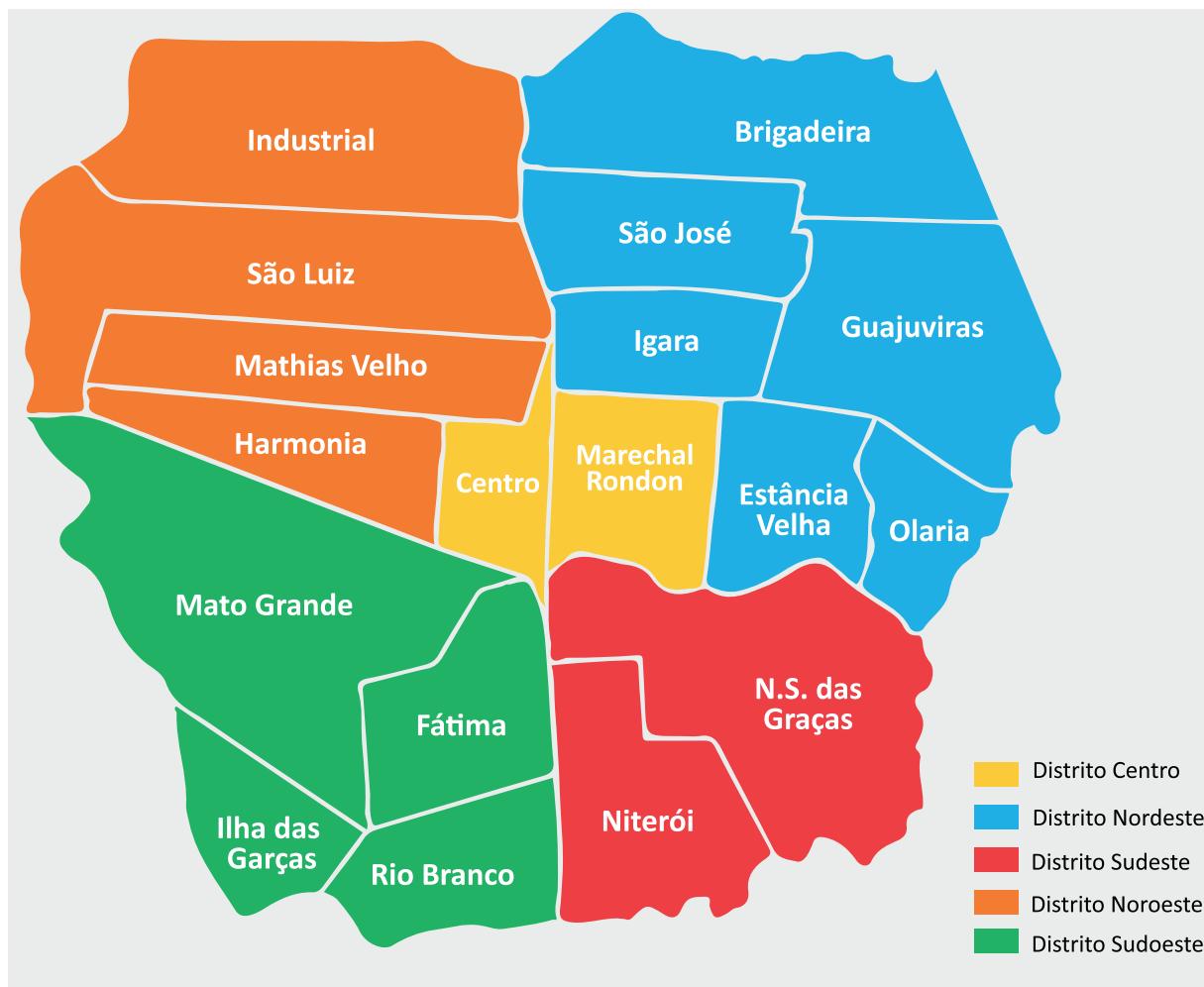
“

Quando ele chegou, a referência do lugar que eles tinham era que descia e pegava a rua Primavera, que tinha uma casa só na época. Era chácara, tudo isso era absolutamente chácara. Em uma das ruas tinha um portão de madeira de abrir assim, era a entrada da chácara. O vô plantava cenoura, beterraba, melão, aipim, batata. A gurizada do bairro gostava de ir lá colher o melão da chácara, esse pessoal lembra até hoje.

”

O sustento da família era praticamente do campo, totalmente rural.

Fundada em 1939, Canoas está situada na Região Metropolitana de Porto Alegre, localizando-se o bairro Rio Branco no ponto mais ao sul da cidade, limítrofe à Capital. O Rio Branco tem como limites, ao sul: a cidade de Porto Alegre; ao norte: o bairro Fátima; ao leste: a BR-116 e o Trensurb, seguidos do bairro Niterói; e ao oeste, o bairro Ilha das Garças. A cidade de Canoas encontra-se dividida em cinco distritos, conforme se pode visualizar no mapa a seguir.



Fonte: <https://www.canoas.rs.gov.br/sobre-canoas/Prefeitura Municipal de Canoas>

Embora os primeiros registros de povoamento do Rio Branco indiquem o ano de 1871, em 1934 o bairro passou a ser povoado de fato, quando foi inaugurada a faixa de cimento entre Canoas e Porto Alegre, infraestrutura que gerou um grande impulsionamento no Rio Branco, em decorrência das indústrias oferecendo mão de obra. O crescimento industrial de Canoas implicou em demarcações específicas para os espaços da cidade, e o bairro Rio Branco, nessa configuração geográfica, se caracterizou com uma função de bairro para moradia.

Foi nos anos 80 que a cidade foi agraciada com a passagem do trem urbano que liga as cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre, linha implementada pela Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre (Trensurb). Uma das polêmicas deste projeto era a possibilidade de ser subterrâneo, contudo, a ferrovia fixou-se na superfície. Essa e outras pautas foram amplamente debatidas pela Câmara de Indústria e Comércio de Canoas (CIC). A entidade, que foi fundada em 17 de janeiro de 1940, acompanha as mudanças dos tempos e desenvolve papel importante nas diversas áreas que impactam o desenvolvimento econômico. A CIC busca sempre agregar e fortalecer politicamente os empreendedores de Canoas, bem como desenvolver tecnicamente as empresas da cidade, proporcionando, assim, um melhor ambiente de negócios do município, o que resulta em mais empregos para os seus moradores.

A história do Rio Branco está intimamente relacionada ao crescimento da indústria, pois o bairro se localiza muito próximo ao Rio Gravataí, via fluvial utilizada como importante meio de transporte de produtos. Atualmente, Canoas desponta com uma das maiores redes de ensino do estado, em franco crescimento, incluindo universidades. Foram pessoas visionárias e empreendedoras, trabalhando em prol da comunidade, que fizeram o bairro Rio Branco prosperar.

Um Rio Branco rural: o período das chácaras

O bairro Rio Branco teve o início de sua história marcado pelas chácaras que existiram nas terras dos primeiros moradores, proprietários das terras, ocorrendo um segundo povoamento, com mais densidade, após a inauguração da faixa de cimento, em 1934. A ligação com a capital foi o atrativo para a vinda dessas pessoas, pela possibilidade de uma economia mais dinâmica, então, por essa época, famílias de imigrantes estrangeiros e migrantes de outras cidades do estado começam a chegar, primeiro para as chácaras e depois para o Frigorífico.

Nas chácaras existiam os cultivos de hortifrutigranjeiros e arroz e também produção pecuária. Conforme narra Beto, o povoamento foi espontâneo, sem loteamento, pois as terras não foram compradas. Ele relembra que as pessoas chegaram e ocuparam, dividindo os terrenos, fazendo suas casas e cuidando das plantações do bairro.

Essa característica do povoamento inicial fez com que fossem necessários processos de usucapião para regularizar as terras, como fez a mãe de Beto, mas segundo ele, a maioria dos moradores antigos não têm escritura da terra até hoje.

A moradora do bairro Rio Branco, Marina, reforça :

“Aqui eu me sinto em casa, eu nunca quis sair daqui.”

HISTÓRIAS DE OUTROS TEMPOS: uma infância vivida entre vacas, carroças e cavalos

O sustento da família era praticamente do campo, totalmente rural. E tinha o gado também: o sustento maior da família era o leite. Lembro que eu ia tirar leite com seis, sete anos de idade. Era tirado da vaca e o pessoal já estava lá pra receber e levava, era vendido para pasteurização. Era bem rural mesmo... Eu fui criado em carroça, o pai nunca teve carro, era só a carroça, puxada por cavalo, para qualquer coisa. Nessa época, o meu tio teve uma ferraria, na direção onde hoje é a Igreja. Ele fazia o ferro para colocar a ferradura nos cavalos. Eu me lembro que venderam um cavalo muito manso para o pai, podia passar no meio das pernas dele que não levava coice. Eu era pequenininho e precisava escalar para poder botar as pernas e subir no cavalo. Esse cavalo me derrubou muitas vezes, porque quando ele estava com sede, ele parava e baixava a cabeça para tomar água, e aí eu escorregava pelo pescoço dele e caía dentro da água" (risos). — (Beto)

Memórias do Frigosul

É possível perceber a persistência e importância das memórias vinculadas ao Frigosul e às experiências de trabalho vividas no Frigorífico junto à comunidade do bairro Rio Branco. Carmem Trillo Salvador, antiga moradora do bairro, lembra que chegou com dois anos de idade, pois seu pai veio de Livramento para trabalhar na empresa.

Nas memórias de Carmem, alguns sons e cheiros daquele cotidiano ainda estão bem vívidos, como o apito do Frigosul, que iniciava os turnos de trabalho e dava os intervalos, e o cheiro do sangue que dava pra sentir em alguns dias da semana, pois a quantidade de bois abatidos era muito grande:

As ruas chamavam atenção, porque eram pretas, eram aterradas com carvão que eles tiravam das caldeiras. Eu lembro porque eu tenho as cicatrizes dos tombos de criança ... "ralava" o joelho e cicatrizava com o carvãozinho dentro! A maior parte dos trabalhadores do bairro trabalhava ali, era um grupo privilegiado, de certa forma, pois o Frigorífico resolvia os problemas dos funcionários. Foi apenas na década de quarenta que chegou no bairro água encanada. Eu, por exemplo, sempre morei com luz elétrica e água encanada, fornecidas pela Frigosul. Todos aqueles que moravam naquele residencial tinham de graça. Era uma fartura de carne, de frios, eu me lembro que às nove horas da manhã eles faziam churrasco. O Frigosul também tinha uma cooperativa ali, começaram com açougue, depois colocaram outras mercadorias... ela era muito acessível para os funcionários. Outra coisa que também funcionou ali foram os primeiros refrigeradores, os primeiros fogões a gás ... eles vendiam e descontavam nas folhas de pagamento, era dessa forma que o pessoal da época adquiria as coisas.

Raízes

Contextualizando

A presença dos frigoríficos na história do Rio Grande do Sul

Em 1908, a família Oderich iniciou os Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros como um entreposto comercial em São Sebastião do Caí, expandindo seus negócios de conservação de banha do século XIX. Já na década de 1930, mais precisamente em 1936, os Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros foram criados oficialmente, como um desdobramento da Sociedade da Banha Sul Rio-Grandense Ltda. Na ocasião, os Frigoríficos ganharam um novo cenário: a então incipiente Vila Rio Branco, localizada na cidade de Canoas/RS, em terreno muito próximo ao Rio Gravataí.

Em 1938 os Frigoríficos passaram ao comando do Estado, que desejava produzir a sua própria carne com o objetivo de cessar o monopólio dos frigoríficos estrangeiros; a empresa fora inaugurada com grande solenidade, em 1939, na presença do próprio Getúlio Vargas, Presidente da República na época. A medida de produzir a própria carne ia ao encontro da peculiaridade regional desenhada durante o período do Estado Novo, ligada mais à defesa de produtos agropecuários do que propriamente ao fomento de um rumo industrializante para o Estado. Não se tratava, portanto, de somente estabelecer concorrência com os frigoríficos estrangeiros, mas sim de conceber uma empresa que padronizasse e que congregasse a produção de banha e carne em larga escala, simbolizando o processo de transição da monocultura para a indústria da banha no Rio Grande do Sul.

A instituição tinha o seu nome grafado no plural não por acaso, já que os Frigoríficos Nacionais Sul-Brasileiros passaram a abarcar também os estabelecimentos já existentes, com matadouros anexos em Santo Ângelo, Monte Vêneto, Nova Bassano, Caxias, Tubarão (SC), Ijuí, Carazinho, Erechim, Viadutos, Passo Fundo e Guaporé. Já na década de 1950, a nomenclatura da instituição foi modificada, passando a razão social a ser chamada “Frigorífico Sul Rio-Grandense S.A.”, trocando-se também os acionistas. Em 1973, após sucessivas crises relacionadas ao mercado externo, o tradicional frigorífico foi vendido para a Languirú, cooperativa que administrou a indústria por menos de uma década, até julho 1982, quando foi oficialmente decretada a falência (Mauch; Vasconcelos, 1994).

**HISTÓRIAS DE OUTROS TEMPOS:
Carmem e o medo do estouro da boiada**

Eu vou te dizer uma coisa, quando eu era criança, eu tinha pesadelo com boi atrás de mim, porque se falava muito sobre isso. As pessoas do bairro contavam histórias como a fulana viu, eles passaram do lado e ela desmaiou, então a gente tinha muito medo. Os bois vinham por trem, que encostava o vagão e descarregava os bois. Quando se escapavam das tropas, saía aqueles bois enlouquecidos lá das mangueiras [espaço onde ficavam os bois vivos no frigorífico], tanto era que tinha que pedir para os tropeiros, uma equipe de funcionários, para ir atrás da boiada. Eles fugiam e iam passando por tudo. Eles vinham correndo e uma vez eles invadiram o aeroporto, às vezes iam parar quase lá na Petrobrás. Eu sempre conto então que esse era um dos meus pesadelos de criança, que depois, claro, acabaram. — (Carmem)

A presença da Igreja Católica no bairro

O Brasil é um país cuja identidade nacional tem seu referencial de base no catolicismo e na religiosidade popular da Igreja Católica, e Canoas faz parte desse contexto cultural. Segundo os Censos de 2000 e 2010, houve uma diminuição dos adeptos das Igrejas Católica Apostólica Romana, Católica Apostólica Brasileira e Evangélicas de Missão, e em contrapartida, houve o crescimento das religiões de origem pentecostal.

Além dessa mudança de perfil da religiosidade brasileira indicado pelos dados do Censo, uma pesquisa realizada pelo governo municipal apontou para outro aspecto da diversidade religiosa, uma grande presença das religiões de matriz africana no município de Canoas. A partir desses dados, a Prefeitura, através da Coordenadoria das Diversidades e Comunidades Tradicionais, disponibilizou um mapa virtual que apresenta os pontos de identificação de cada Casa e o seu respectivo endereço. No mapeamento virtual estão identificados formalmente 17 endereços de casas de religiões de matriz africana no bairro Rio Branco. Nesse sentido, ao dar visibilidade a esses espaços da diversidade religiosa, se percebe que o combate à intolerância religiosa já faz parte das políticas públicas da cidade.

O bairro Rio Branco, mesmo apresentando grande diversidade religiosa, apresenta uma forte raiz catolicista. A Igreja Imaculada Conceição, durante muitos anos, foi o único templo católico existente e desde 1954 vem mantendo um trabalho social significativo junto à comunidade. O início deste trabalho se deu com o Padre Lothário Steffens, que se tornou figura muito conhecida no bairro. Na época, a Igreja tinha apenas uma casa para atender os moradores, que basicamente eram funcionários da Frigosul, pois apenas mais tarde outras empresas se fixaram no bairro. Posteriormente, no ano de 1965, as torres do templo foram finalizadas com reboco externo, recebendo um diferencial interessante, sua potente iluminação, que já chegou a servir como referencial para os aviões que pousavam no Aeroporto Salgado Filho em dias de muita neblina, conforme publicação da Folha de Canoas em outubro de 1993.

Idelmar da Silva é morador do bairro Rio Branco e catequista na paróquia Imaculada há 35 anos. Natural da cidade de Rio Grande, ele conta que uma semana após seu casamento se mudou para o bairro Rio Branco, em setembro de 1971. Primeiramente a família frequentava a Igreja Santo Antônio, depois, com os filhos na catequese na Imaculada, construíram uma relação com o pároco da época e pessoas da Igreja. Para Idelmar, a Igreja foi fundamental para o bairro Rio Branco:



Acolhia os moradores, o Padre Lothário era muito bom, olhava muito o lado do necessitado. Antes da Igreja Imaculada ali da praça, a Igreja era na rua Hermes da Fonseca, a igrejinha de pedra, mais conhecida como Igreja de Pedra, que existe até hoje. Foi ficando pequena para a comunidade e o Padre Lothário construiu a Igreja da Imaculada ali na praça, que era uma das partes mais altas do bairro. A comunidade ajudou a construir e reformar, sempre teve equipes de manutenção da Igreja, a gente sempre estava em função de ajudar a Igreja, era o que nós tínhamos de melhor na comunidade. Tivemos também o Padre Eduardo de Lazaro, ele revolucionou um pouco, por ser um padre novo, ele agitou muito as pastorais, muito querido e lembrado na comunidade. Depois tivemos o Padre Leonardo Reichert, e agora estamos com um pároco novo, o Padre Bonifácio Zimmer. Quando for possível, eu vou ir apresentando o Padre em todas as casas do bairro, praticamente conheço 80, 90% dos moradores do bairro.





Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição
Foto: Marcos Quintana

Segundo matéria do Jornal Diário de Canoas, de 28 de maio de 2021, após revitalização da Praça da Imaculada, em sua entrega oficial para os moradores, ela passou a ser chamada de Praça Cônego Lotário Steffens, em homenagem ao pároco da Igreja.



Igreja Nossa Senhora da Imaculada Conceição
Foto: Marcos Quintana

Darci: do ônibus para a empresa de aço

Darci Cobalchini criou a Cofercan em 1980, empresa geradora de muitos empregos no bairro Rio Branco, mas suas histórias sobre Canoas e sobre o bairro são bem anteriores. Natural de Encantado, Sr. Darci, como é conhecido, lembra que veio com 12 anos de idade para Canoas, em 1953, indo morar no bairro Mathias Velho, onde a família instalou um armazém que vendia coisas do interior, como ovos, galinha, banha e queijo:



Tinha uma carência muito grande antigamente, vinha quinhentas galinhas num final de semana e vendia tudo. Não tinha mercado, não tinha nada. Aqui no Rio Branco tinha um mercado também, que era o tal de Petry, um armazém, na época se chamava de “bodega”. O Petry era famoso também, eles aqui e nós era lá na Mathias Velho. Nessa época, eu trabalhava na bodega da família. Depois, meu pai vendeu a bodega e comprou cinco ônibus e colocou linha nos bairros. Antes desses ônibus, o pessoal tinha que vir a pé até a faixa federal, a BR-116, que só tinha duas pistas. Fui cobrador e acabei sendo motorista também, que foi quando eu conheci muito bem o Rio Branco.





Mobilidade urbana: Rua José de Alencar
Foto: Marcos Quintana

Atualmente, os ônibus continuam com suas rotas pelo bairro em diferentes itinerários e horários. Hoje, não só de ônibus se faz a mobilidade no bairro Rio Branco, mas também com táxis e com os modernos aplicativos de transportes disponíveis. Para completar o transporte, a Trensurb tem uma estação localizada na Av. Guilherme Schell, nº 1680, que contém uma plataforma de embarque de 200 metros de extensão com duas escadas rolantes, e disponibiliza viagens de trem das 5h às 23h35. Em um mundo em rápida transformação, equilibrar as necessidades de hoje com as exigências do amanhã é algo fundamental para que a população do bairro possa ser atendida.

Raízes

Contextualizando

31

A Cofercan ao longo do tempo

Idealizada por Darci Cobalchini, a Cofercan tem seus primeiros registros de atividades no ano de 1980. A empresa surgiu da oportunidade de atender uma demanda na área de ferro, na qual o então motorista de ônibus passou a ser empreendedor. Na ocasião, estava localizada no bairro Niterói, onde de seu pátio era possível visualizar os ferros que hoje ficam armazenados em espaços próprios para isso. A Cofercan tem como uma das suas marcas e identidade ser uma empresa familiar desde o início da sua história.

O nome da empresa foi dado em uma reunião de família, quando os filhos, juntamente com os pais Darci e Iolanda, se reuniram em torno da mesa de casa para definir como seria o nome da empresa que venderia ferros para construção, e passou a se chamar Comercial de Ferros Canoense — Cofercan. Hoje a empresa está há mais de 40 anos no bairro Rio Branco em Canoas, empregando mais de 120 colaboradores.

No início da empresa no bairro Rio Branco, ela se localizava onde havia uma farmácia, uma “casinha pequena e quadrada” segundo depoimentos, havia ainda uma porta de correr. Com as oportunidades de mercado, a empresa se desenvolveu, as possibilidades de gerar empregos foram se concretizando e a empresa comprou uma antiga empresa de papelão. Em mais uma fase de crescimento, surgiu a oportunidade de expansão na compra na antiga madeireira Maracanã. Nos anos 2000, uma nova oportunidade surgiu e a empresa passou a ser parceira da ArcelorMittal, que é líder mundial na produção de aço e um dos maiores em mineração.

O Grupo ArcelorMittal detém clientes em 160 países e conta com mais de 190 mil empregados. Em seus onze centros de pesquisa, cerca de 1.300 pesquisadores desenvolvem produtos e processos mais eficientes voltados a gerar valor para os clientes e assegurar o crescimento futuro. Desde o início da empresa Cofercan, ela sempre pertenceu à família Cobalchini. Hoje conta com filiais em Pelotas e Esteio, cada uma delas trabalhando especificamente para atender às necessidades de sua respectiva região.

A partir das memórias das pessoas que vivem o bairro, é possível adentrar na história do Rio Branco, em seus espaços e no cotidiano. Os depoimentos demonstram uma história com raízes profundas. A Cofercan carrega no nome a identidade de Canoas.



Um bairro onde o passado e o presente acolhem e enraizam

Katiuscia Pinheiro Curtis é nutricionista e trabalha no bairro Rio Branco, em um espaço em que anteriormente seu pai tinha uma loja, a César Móveis e que era também moradia de sua avó. Essa loja começou em um brique na rua Primavera e depois veio para outro endereço no bairro, ficou lá por quase 30 anos, quando o proprietário se aposentou e fechou:

Então meu pai disse assim: “Por que você não faz um consultório?” nesse espaço onde era a loja e a casa da vó. E é isso, a energia desse espaço tem a energia da minha vó, todo mundo que entra fala que parece uma casa. Essa é a ideia, a gente poder ter o chazinho ali no jardim, que tu colhes e preparas. Minha família é moradora aqui do bairro Rio Branco, toda uma geração que veio de Uruguaiana, jovens que pegaram as enchentes, aquelas histórias que meu avô contava. Para mim, a palavra que define o bairro Rio Branco é o acolhimento, até pelas minhas origens, porque vem da minha vó, vem dos meus tios. Eu acho que esse acolhimento é uma raiz que a gente consegue perceber nas casas e na quietude.



A Feira Livre do bairro acontece na praça em frente à igreja (Praça Tiradentes, Ana Neri com José de Alencar), todas as quartas-feiras pela manhã, das 7h às 11h, e nas quintas-feiras, também pela manhã, no mesmo horário, na rua Henrique Dias, esquina com Felipe Camarão. Este é um importante espaço de comercialização dos produtos da agricultura familiar, gerando trabalho e renda. Os moradores encontram diversas alternativas de alimentos, frutas, verduras, flores entre outras opções. As feiras locais imprimem uma identidade cultural e alimentar, elas são responsáveis por movimentar expressivamente a economia local, incluindo a socialização entre os moradores.

A palavra *feira* (latim) significa "dia santo" ou "feriado". Foi a partir dos anos 1960 que no Brasil aconteceram mudanças na produção agrícola e nos sistemas de abastecimento influenciando assim os costumes alimentares de toda a população e levando a comercialização em redes de supermercados. Contudo, a modernização agrícola não eliminou os hábitos alimentares enraizados. Esse espaço oportunizado pela Feira conecta os alimentos com estilos de vida, estimula relações próximas entre consumidores e produtores e, por fim, promove segurança alimentar e cultura material em dimensões expressivas, favorecendo as relações de confiança e solidificando os laços de identidade do Rio Branco.

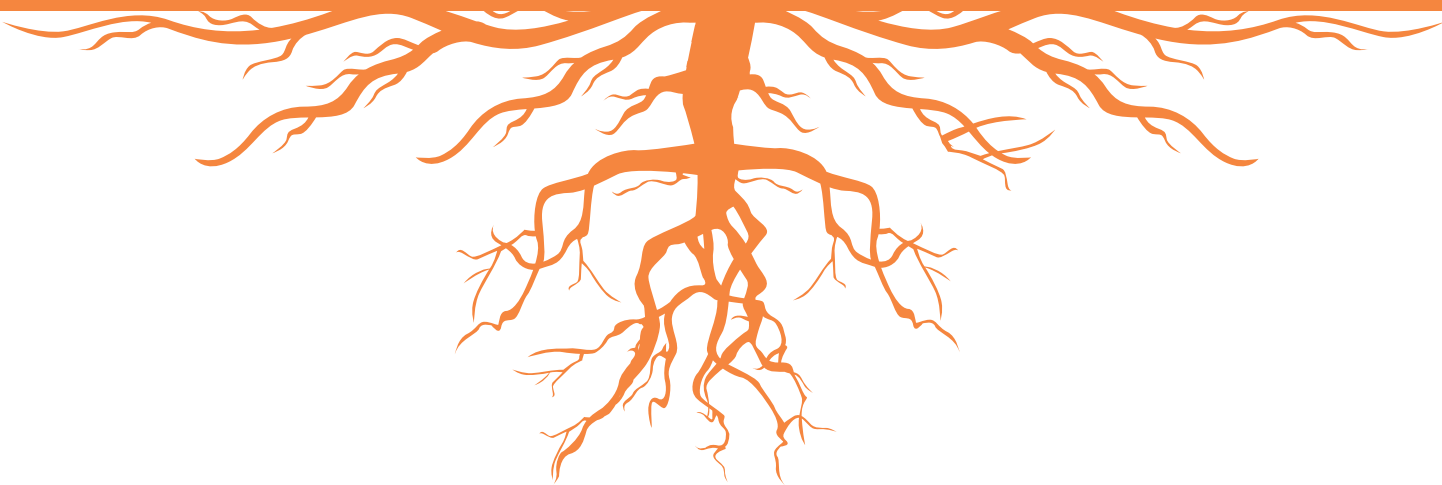
Assim, o bairro Rio Branco é um bairro onde o passado e o presente acolhem e enraízam, como se pode perceber nas histórias de vida dos filhos e netos dos primeiros moradores, que puderam realizar seus projetos também no bairro Rio Branco, como a Katiúscia ou Beto, que está construindo um condomínio no bairro. A nutricionista se refere ao seu lugar no mundo com muito afeto:

O bairro Rio Branco é como um jardim secreto para mim. Daqueles lugares que tu "não dá nada" para o que tem aqui dentro, mas quando tu está lá na porta e entra, vê aquilo e te encanta. Essa característica baixa a expectativa e aumenta o poder de criação, né? As casinhas, daquele pessoal mais antigo que está aqui, têm natureza, têm árvores. Para o bairro melhorar, eu acho que a gente poderia caminhar mais para essa alimentação natural, para não precisar se deslocar tanto, essa é a ideia, de incentivar o consumo local. Conheço pessoas que estão pensando projetos de fazer uma horta comunitária aqui. Ele é um bairro que abre nossos horizontes, ele comunica...

Beto também tem muito carinho pelo lugar em que vive. Sentimento que se reflete no seu desejo de ver o bairro se desenvolver, preservando as raízes da natureza que compõe o espaço:

A gente gostaria de melhorar o que for possível, eu acho que esse condomínio já é uma melhoria. Eu fico querendo que as áreas verdes se preservem. Estamos fazendo de tudo para salvar as árvores que tinham, algumas eu consegui salvar, pé de nozes e mangueira, elas humanizam, para mim faz toda a diferença tu ter... eu fiquei feliz da vida quando vi um cardeal fazendo ninho e cantando dentro da casa.

Comunidade







Praça Tiradentes
Foto: Marcos Quintana

A comunidade do bairro Rio Branco

Comunidade é um conceito que se entende de maneira muito facilmente para quem vive ou visita o bairro Rio Branco. Pertence a uma comunidade o grupo de pessoas que partilha a mesma cultura e mesmo modo de vida e que têm suas histórias de vida em espaços comuns, com relações construídas com base na coletividade que luta e se ampara mutuamente.

Essas atitudes ficam perceptíveis no depoimento de Pelamir Fanfa, que foi presidente da Associação dos Moradores: “Como a gente começou... botando um tijolinho aqui, um tijolinho ali e com a ajuda de todos, o pessoal do bairro, a gente conseguiu construir aquela sede.” Assim, o bairro Rio Branco foi se tornando uma “casa” que é próxima e familiar, como enfatiza Priscila, moradora e professora no bairro: “No meio de todas as questões que a escola se envolve, ao mesmo tempo se busca atender essa comunidade, é isso o que eles notam como diferença.”

Historicamente, a organização dos moradores dos bairros das cidades em formato de associações comunitárias foi uma das maneiras encontradas para dar encaminhamento e lutar pelas demandas do bairro. No Brasil, o início da história das associações de moradores remete aos anos 20 e 30.

Ao longo de uma trajetória de lutas, o associativismo nas comunidades fez a voz dos bairros chegar mais longe. As associações de moradores de bairros são a expressão legítima dos interesses da população na luta por seu bem-estar, reivindicando melhores condições de infraestrutura – água, luz, esgoto, asfalto, segurança, educação, moradia, transporte, lazer, dentre outros. É o que reforça Pelamir, morador do Rio Branco: “Quanto mais gente tentando fazer melhorar o bairro, mais qualidade de vida pra todos.”

As fontes documentais pesquisadas apontam um passado de luta por uma infraestrutura básica que não existia no bairro Rio Branco, desde a luz elétrica e água, chegando até às questões em torno da segurança, espaços de lazer, áreas verdes, legalização de moradias, dentre outras demandas que ocuparam as pautas no final do século vinte. A cidadania e a qualidade de vida foram conquistas que se deram no bairro em mutirão. Juntos, não estavam sozinhos, e a “casa” bairro Rio Branco se fez cada vez mais forte.

O bairro não existe sem as pessoas, e a partir de diversas dificuldades, se intensificou a coletividade e o senso de ajuda mútua, como na ocasião do temporal do ano de 2015 que assustou e estremeceu o bairro. Fortemente divulgado nas mídias, o incidente trouxe granizo e destruição, destelhando diversas casas, com árvores e postes caídos por todo o lado...uma cena de filme apocalíptico. O Exército inclusive ajudou a Defesa Civil nos auxílios aos moradores. Pouco tempo após o temporal, moradores, vizinhos e empresas do bairro se uniram como uma grande família e iniciaram a reconstrução do que se perdeu.

Apoiar-se e organizar-se coletivamente se tornou uma prática frequente no Rio Branco até os dias de hoje. Nesse sentido, se originou também a Associação dos Comerciantes e Empresários do Bairro Rio Branco, um movimento em prol da comunidade, como explica Herbert Poersch, também conhecido como DJ Cabeção, morador e liderança do Rio Branco:

Funciona assim, tu ajudas, mas tem alguém te ajudando também, ali do teu lado, te apoiando. Eu acho que a palavra associação já diz tudo, se associar e fazer alguma coisa.

Fazer parte de uma associação deste tipo significa, de certo modo, que todos os participantes tenham as melhores condições de se desenvolver, é contribuir para fomentar a economia local e muitas vezes enxergar o concorrente como alguém que pode unir forças, pois os desafios são os mesmos e o crescimento torna-se saudável e lucrativo para todos.

Para Priscila, o bairro Rio Branco é uma comunidade que enfrenta desafios e se fortalece coletivamente: “ Eu acho que tudo o que a gente faz tem consequências, tudo que a gente faz tem aprendizado, a pandemia nos fez ver e olhar para a necessidade do outro.”

O bairro é uma “grande casa”, que tem raízes comuns plantadas por uma história conjunta, de relações e identidade partilhada pelos moradores. A união e o sentimento de “estar em casa” estão fortemente vivos e isso se dá através das atitudes das pessoas. Não é porque habitam a mesma geografia que se constitui a Comunidade, mas porque partilham a mesma ética, vontade e amor pelo bairro, fazendo com que o bairro se desenvolva a cada dia. Esse sentimento aparece no depoimento de Pelamir:

Às vezes pega fogo na casa de alguém... aí pega os cartões, é dez pra ti, dez pra mim, vamos vender, nós vamos lá ver quanto deu e ver o que precisa... Tem um guri que mora aí no bairro, ele é gari, o pai dele é tudo gente boa, ficou conhecido como o “Poeta do asfalto”, que é o título do livro que ele escreveu. Ele veio nos procurar para fazer o lançamento lá na Associação e depois, ele foi para feira do livro e tal. Essa é minha forma de pensar na Associação, a Associação é comunitária.

A Associação dos Moradores do bairro Rio Branco

A Associação dos Moradores do bairro Rio Branco contou desde seu início com a participação do morador Pelamir. Segundo ele, já nos primeiros tempos da entidade, ele foi o Secretário e, na sequência, o Tesoureiro. Não muito tempo depois, já atuava no cargo de Presidente do Conselho Fiscal.

Pelamir relembra que passou por várias etapas ali e que o trabalho para fazer uma Associação de Bairro começou em um time de futebol que jogavam. Nesse time, conforme o morador do bairro, havia uma casinha de madeira e o grupo começou a trabalhar em cima da ideia. Conseguiram a desapropriação dessa casinha, para utilidade pública, e posteriormente, a nova sede foi construída, tendo recebido auxílio da empresa Cofercan para as tesouras do telhado.

Assim, a Associação do Bairro foi uma iniciativa dos próprios moradores e de “tijolo a tijolo”, com a ajuda de todos, foi possível construir a sede. A prática de luta coletiva é uma tradição no bairro e muitas outras Associações e entidades coletivas, visando o bem comum, atuam no Rio Branco.

Desde sua fundação até o momento, a Associação dos Moradores já foi protagonista de diversas campanhas e mobilizações em prol da comunidade. Dentre as solicitações e ações realizadas pela Associação, uma conquista importante foi em torno da demanda de ampliar a área da saúde com médicos. Foi por intermédio da Diretoria da Associação que o Secretário de Saúde do Estado foi procurado para atender essa carência.

A união foi tanta que se conseguiu fazer uma sala na sede da Associação para ser utilizada como posto médico. Esse espaço se manteve funcionando por um longo tempo, segundo depoimento de Pelamir. Posteriormente a isso, deu-se início ao Programa de Saúde da Família, quando mais uma vez a Associação cedeu o espaço buscando beneficiar os moradores do bairro. A infraestrutura compreendia desde atendimentos simples até atendimento de especialidades e exames de raio X. O local se manteve funcionando durante dez anos, só sendo desativado quando um Posto de Saúde começou a atender a população do bairro, como relembra Pelamir: “Foi algo importante, é uma parte da colaboração que a Associação presta para a comunidade.”

Atualmente, os Postos de Saúde oferecem serviços como atenção primária, pré-natal, serviço de controle de tabagismo, enfermagem, vacinas, serviço de práticas integrativas e complementares, dentre outros serviços. As opções para os moradores são as Unidades Básicas de Saúde (UBS): Pedro Luiz da Silveira, Boa Saúde e Rio Branco. Além disso, há a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Hugo Simões Lagranha. No bairro há ainda o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Sudoeste, local público com o objetivo de fortalecer a convivência com a família e com a comunidade.

Atualmente, a Associação disponibiliza aos moradores diversas atividades, dentre elas curso de judô, capoeira, zumba e grupo da Terceira Idade. É importante mencionar que os projetos que existem acontecem atualmente por meio de uma parceria com os professores que as ministram, cabendo à Associação acolher, ceder o espaço e colaborar na organização das atividades, e assim, é possível oferecer para a comunidade opções com um custo bem inferior ao praticado no mercado e, muitas vezes, até sem custo. Já o grupo da Terceira Idade tem uma coordenadora e para esse público são desenvolvidas atividades sociais e de lazer.

Um evento que já se tornou tradicional, e a Associação busca manter ativo, é a festa de encerramento do ano, que é voltada para as crianças do bairro. O evento ocorre por meio de doações dos moradores e empresas do bairro e conta com o apoio da Prefeitura para a logística do trânsito no dia da festa. A realização no dia passa pela solidariedade das pessoas que ajudam desde o corte do pão do cachorro quente até o cuidado e as brincadeiras com as crianças.

É importante mencionar que a Associação dos Moradores do Bairro Rio Branco abrange o bairro todo e que tem como foco ser comunitária, precisando contar com parceiros. Uma dessas parcerias se dá com uma instituição que trabalha com cadeiras de rodas e camas hospitalares, e quando há alguma necessidade, emprestam para os moradores. Segundo Pelamir, a Cofercan, empresa que trabalha com aços, também é parceira, pois contribui com doações dos seus produtos e até mesmo com mão de obra para melhorias.

O bairro Rio Branco busca manter-se em constante renovação e na Associação dos Moradores não é diferente. Trazer ideias e ações novas para as gerações que estão chegando passa por ter um constante investimento na construção de novas lideranças, integrando pessoas jovens para que elas possam, em um futuro próximo, dar seguimento a toda história e projetos já construídos até o presente momento.

**ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES
DO BAIRRO RIO BRANCO**

Fundado em 01/08/1980



SALÃO CULTURAL

Contato: 98498-2273 ou 99392-7851

ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES
DO BAIRRO RIO BRANCO



**AULAS DE JUDÔ
ADULTO E INFANTIL
GRATUITO**

**DIA: SEGUNDA E QUARTA
HORA: 18:30 ÀS 20:00**

**Informações:
51 99392-7851**

1950

NUMERO PARA
CONTATO
51) 984982273
51) 99392 7851
ou
RUA DOB SAUDE
72006

A escola e a comunidade

Kika trabalha há 33 anos na Escola Monteiro Lobato e conta que assistiu à sua inauguração. Com 73 anos, mora também nas proximidades e conhece bem a história do local:

“

Quando eu comecei ali era uma salinha de madeira, tinha duas ou três salas de aula. Tinha o dique ainda, aquelas crianças tudo vieram para estudar. Alguns nem tinham calçado para vir para escola. Aí eu já arrumava, levava meia, levava calçado, botava neles, por causa do frio, por isso que eu tenho os meus conhecidos hoje... (risos).

”

A educação estimula o desenvolvimento das pessoas e consequentemente do local em que elas vivem. Além disso, é uma oportunidade de socializar, conviver com as diferenças, aprender e crescer como ser humano. Para que um bairro, cidade, estado e país cresçam, a educação é um dos pontos fundamentais a ser priorizado. No bairro Rio Branco existem doze escolas com professores capacitados que buscam estimular o desenvolvimento dos alunos.

Art. 205 da Constituição Federal:

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

As escolas no Rio Branco são também um espaço em que diversas questões surgem, e famílias, professores e a comunidade em geral se envolvem e buscam atender e acolher a comunidade e suas demandas. Um exemplo dessa atitude foi o impacto das obras da BR-448. Com o crescimento da Região Metropolitana de Porto Alegre e as obras da Rodovia do Parque, a BR-448, que passa por Canoas, ocorreram diversas desapropriações.

Para construir a rota sem grandes impactos socioambientais, foi através de um projeto do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte (DNIT) que uma vila foi construída para receber os desapropriados, cerca de 600 famílias da região do bairro, muitas destas com filhos em idade escolar. Esses alunos não só tiveram mudança de endereço das suas casas, mas também de escola. Contudo, muitos deles, com raízes tão fortes na comunidade escolar, buscaram permanecer em suas escolas. É o que confirma a professora Priscila:

Acho que o mais marcante ali para nós, foi quando a BR-448 saiu. Ai, aqueles moradores que moravam ali no dique foram realocados em outro bairro, e até hoje nós temos alunos que não querem se mudar para escolas mais próximas de sua casa, eles querem permanecer na Monteiro Lobato. É aquele sentimento de que a Monteiro é o lugar deles. É longe para essas famílias trazerem os filhos, não tem transporte que traga direto, mas eles vêm de bicicleta ... teve um ano que eles conseguiram um ônibus que fizesse essa linha, do loteamento deles até a esquina da escola, para que eles conseguissem estar na escola. No momento de pandemia, muitas famílias passaram necessidade. A gente colocava: "pessoal tem famílias dos nossos alunos que estão precisando", isso faz a diferença! Conseguir ver o outro não somente como meu aluno que fica até às cinco ... mas tu abrir as portas e buscar as necessidades, isso é o principal.





Escola Estadual Álvaro Moreyra
Foto: Marcos Quintana



EMEF
NELSON PAIM TERRA

Escola Municipal de Ensino Fundamental Nelson Paim Terra
Foto: Marcos Quintana



PREFEITURA DE
CANOAS

EMEF NELSON PAIM TERRA

REFORMA DAS INSTALAÇÕES ELÉTRICAS E CORRELATA

Investimento: R\$ 477.897,47

Área total: 2.029,22m²

Contrato: 203/2021

Empresa contratada: El...



anos +

SAÚDE

Você pode utilizar
SUBSISTEMAS
PREFEITURA NA RUA

CARDAS



ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
GILDA SCH




**EMEI
GILDA SCHIAVON**

Escola Municipal de Educação Infantil Gilda Schiavon
Foto: Marcos Quintana

Os desafios da pandemia e a escola

Com certeza a chegada da covid-19 trouxe grandes desafios para a educação. Em toda parte, escolas fechadas e os alunos em casa, e foi neste momento que a tecnologia aproximou as pessoas. Aulas por e-mail, videochamadas, entrega de materiais por meio de *drive-in*... Os efeitos da crise sanitária que o vírus trouxe foram econômicos, psicológicos e também educacionais. Ansiedade e depressão foram apenas alguns dos itens alavancados nos alunos bem como nos professores. Alguns alunos chegaram inclusive a perder o interesse pela escola e acabaram por abandoná-la.

Passado o momento mais complexo da covid-19, e com o retorno gradual para as escolas da comunidade escolar, a Prefeitura de Canoas investiu mais de R\$ 257 milhões em educação no ano de 2022. Nas escolas municipais foram disponibilizadas grandes telas interativas, chamadas carinhosamente de “tabletão”, bem como realizados investimentos em reformas em 67 escolas e também na capacitação dos professores para que eles estivessem preparados para atender os alunos nesta etapa de retomada.

Dentre os investimentos voltados para as EMELs, EMEFs e CEIAs da rede municipal, estão ainda brinquedos e kits de robótica, tudo isso buscando incentivar o aluno. Diversas ações em vários níveis foram criadas para ajudar a reverter as perdas que vieram junto com o vírus, buscando sempre atenuar os prejuízos educacionais da pandemia. Um dado importante, de acordo com o Censo Escolar a cargo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), é que houve uma saída da rede particular de ensino superior de cerca de 20%.

O déficit atual dos alunos se dá pelas perdas familiares, como a financeira, quando adolescentes tiveram que ir em busca de trabalho para contribuir com equilíbrio financeiro, e também aquelas famílias que tiveram dificuldades para acompanhar as atividades remotamente em razão da falta de equipamentos ou sinal de internet. Marina observa como tem sido a readaptação das crianças de sua família:

Agora que as escolas estão voltando ao normal, eu vejo a minha sobrinha com muita dificuldade de se inserir por causa da pandemia. E não é só ela, outras pessoas me dizem que estão com esta mesma dificuldade de voltar com os amiguinhos. A diretora já me disse que para minha filha se reinserir será feito um trabalho para que tudo ocorra bem.

A professora Priscila também relembra das dificuldades e conquistas, durante o ensino remoto:

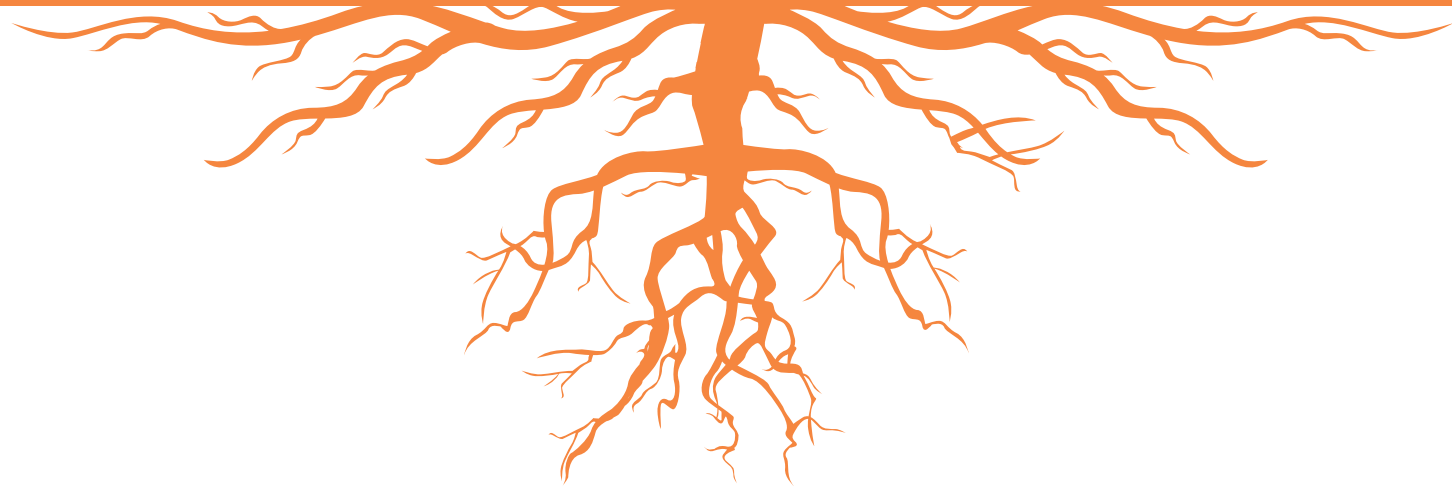
Eu acho que a palavra “desafio” encaixa. Como professora, eu consegui que os alunos participassem ativamente, eu lembro daquela emoção nos primeiros momentos das aulas virtuais. Porque eles queriam conversar, eles queriam se ver, então foi todo um trabalho... a gente pensava não só no conteúdo, mas em formas de aproximar. Criamos o “recreio online”. Nós fazíamos uma videochamada para brincar, e eles não queriam mais desligar! Foi uma experiência que nos trouxe o quanto o afeto, o mostrar que tu sabe deles, dá uma importância, eles se sentem importantes... Eu dizia: “Como vamos fazer?”, não a videoaula em si, mas nos preocupamos em como fazer chegar até a casa do aluno, porque se o aluno não tem uma refeição, como eu vou exigir que ele tenha internet? Então, foi se pensando vários meios para alcançar esses alunos, teve esse olhar para entregar o material físico para estes que não têm acesso. Eu acho que tudo o que a gente faz tem consequências, tudo que a gente faz tem aprendizado. A pandemia nos fez ver e olhar para a necessidade do outro.



O bairro conta com sete escolas municipais, sendo três de Educação Infantil e quatro de Ensino Fundamental. Além disso são cinco escolas estaduais: três de Ensino Fundamental e uma de Ensino Médio. Há também uma escola privada, totalizando 12 escolas.

Colégio da Imaculada
Foto: Marcos Quintana

Consciência





BARCELONA
de Pr...

GARAGE
SAN
PABLO



O bairro que se fez família na rua: a convivência no bairro

Viver em coletivo! Para quem adentra no bairro é comum visualizar a criançada jogando bola nas ruas e os moradores em frente às suas casas tomando um chimarrão, conversando com os passantes debruçados nos muros das casas. As narrativas dos moradores trazem memórias que tem como cenário o portão para fora das casas. É nos espaços formais e informais, sejam eles de lazer, coletivos, de trabalho ou outros, que ocorre a interação e as trocas sociais.

Apesar das transformações sociais e culturais que a sociedade e as famílias brasileiras têm passado nas últimas décadas, alterando sua configuração e estilo de viver, ao caminhar pelo Rio Branco é possível enxergar uma comunidade que, tanto o ordinário do cotidiano quanto os espaços e fatos que constroem a vida, vão ao encontro da sociabilidade do bairro.

Eu cresci, casei e morei ali no bairro. Dos meus 69 anos, fazem 23 que não estou mais ali. Vim morar no centro, mas mantenho minha casa no bairro, mantenho os laços com os amigos, porque não foi possível me desconectar, porque é minha história. — (Beth Colombo)

A vida social do bairro acontece nos campos de futebol, nos eventos religiosos, na feira da Praça, no gramado do dique, na rua que vizinhos atravessam ou que motoboys percorrem. Este cotidiano de sociabilidade na rua é preservado através de gerações que viram o bairro crescer e se desenvolver e buscam em suas raízes mais profundas manter a identidade cultural do Rio Branco.

É nos espaços sociais e comunitários que ocorrem a maior parte das trocas afetivas, como em festas e na feirinha. O fenômeno imobiliário de verticalização da cidade, com o avanço dos arranha-céus como ocorre em outras partes da cidade, não está presente no bairro Rio Branco, que em grande parte é composto por casas e condomínios horizontais:

O bairro cresceu muito, eu vi muitos vizinhos abrirem seus negócios na sua própria casa e prosperarem. A nossa casa mesmo, teve construtoras que queriam comprar, mas a gente não vende porque queremos ficar aqui. — (Marina Fernandes da Silva)



Parquinho da Praça Tiradentes
Foto: Marcos Quintana

Mesmo contemporaneamente, quando os espaços coletivos parecem diminuir e migrar para os confinamentos dos condomínios, prédios e usos individualizados do urbano hoje, no bairro Rio Branco, a rua como local de encontro se reconfigura, permanecendo como uma casa para seus moradores. Nesse sentido, ainda acontecem as quermesses, o carnaval de rua, os campinhos de futebol, o encontro de vizinhos... se vive junto e se convive no bairro Rio Branco, unindo o ontem e o hoje.

Bah, conhecida, sou mais conhecida que cachaça [risos], os alunos todos... Têm alunos que já têm filhos lá no colégio, outros me encontram na rua, já são homens, eu nem conheço, moço [fala] "oi, Kika!", eu "oi, tudo bom?", mas não sei nem quem é... [risos]. — (Kika)

É por meio dos espaços de convivência e com grupos sociais que os moradores manifestaram a capacidade de promover a união e a convivência pacífica, tendo nascido ou não no bairro, levando a convivência para além das ruas onde estabelecem as trocas, compromissos, reciprocidade, conflitos e acolhimento, também para o espaço mais privado da vida, como a vida de cada família.

Eu moro no bairro São Luiz, mas trabalho na Cofercan. Minha mãe trabalhou aqui por dez anos e eu sempre vinha no bairro. Meus amigos moram bem pertinho da empresa, eles falam que aqui é uma vida bem legal. — (Gustavo Garcez de Carvalho)

Para os mais antigos, falar do bairro é reviver inúmeras histórias, lembrar dos nomes das nome das ruas, referindo-se a elas e localizando-as com grande conhecimento e precisão. Citar os nomes, antigos e novos, relembra os traçados anteriores e suas modificações, os estabelecimentos que existem ou existiam nelas, é a síntese da própria existência do relacionamento entre o bairro e as pessoas que nele vivem.

Depois, a outra rua que eles fizeram, foi a tal de Maracanã que chamavam na época, por causa da madeireira grande que tinha aqui do lado, foi quando a Rio Branco avançou mais para cá. — (Carmem)

É o afeto que reforça o entendimento de que a rua é encontro e convivência.

A afetividade é a base da socialização e no Rio Branco a vivência se dá no tempo, tem duração e continuidade. Uma comunicação efetiva traz uma série de benefícios e estreita os laços de quem ali mora, sendo intrínseco o senso de comunidade nos moradores, a partir do fortalecimento de suas redes de apoio mútuas.

Eu sempre levo minha filha para brincar nas praças, mas os jovens hoje não estão tanto na rua por causa da pandemia, eles se juntam nas casas para jogar online. Quando eu era mais nova jogava muito vôlei. — (Marina)

É a partir da convivência que se gera laços entre as pessoas, vínculos de solidariedade e reciprocidade. Estes vínculos trazem segurança e bem-estar e constituem o norte de um “bairro-casa” como o bairro Rio Branco.

O Rio Branco é toda a minha família. Uma vizinha que tive é como uma segunda mãe, uma rua que recebe o nome de um antepassado, um avô... o bairro é como uma família. — (Idelmar)

O Rio Branco é um bairro que se fez família na rua. A rua se apresenta como o lugar de vizinhos que atravessam para acolher e receber bem, para estender a mão e apoiar. É um bairro marcado pela herança do acolhimento, constituindo-se esta herança uma identidade compartilhada entre os moradores.

A minha história é tão grande, meu pai foi segurança, eu me casei com a filha do DJ, que era o DJ mais famoso da Rio Branco, que era o DJ Mingau, a minha história é toda vivida ali dentro, eu tenho fotos minhas ali no campo quando criança e agora sou presidente de uma entidade que eu amo, aquele lugar ali tem vida, às vezes eu assim caminhando ali, parece que ele aparece e conversa com a gente, é uma coisa que eu não sei explicar... — (Tatiano)

Hoje eu escuto as histórias, meus tios contando, eles tinham muita plantação de milho e que roçavam, foram os primeiros moradores daquela rua. Era um beco, não tinha asfalto, não tinha nome. E eu lembro, quando eu era criança, de ter ido até a prefeitura, junto naquela comitiva, porque eles queriam dar um nome pra rua. Aí foram e conseguiram o nome Damas Antunes de Andrade, que é o nome do meu tataravô, o primeiro morador, a família foi uma das primeiras a chegar. Hoje ainda mora minha vó ali. Minha tia que morava na frente faleceu há dois anos, mas foi também uma das pessoas que lutou pelo nome. — (Priscila)



Academia ao ar livre na Praça Tiradentes
Foto: Marcos Quintana

Nos últimos anos, o bairro cresceu de forma intensa e acelerada. Depois da construção da Rodovia 448, chegou a Perimetral Oeste. Com o objetivo de desenvolver os bairros Rio Branco, Fátima, Harmonia e Mathias Velho, a Perimetral Oeste liga a Rua República, no bairro Mathias Velho, até a Rua Hermes da Fonseca, no Rio Branco.

Um trecho de 8,2 km que busca trazer mobilidade, melhoria urbana e qualidade de vida para as pessoas desta região, que terão à disposição quadras de esporte, pistas de skate, banheiros, academias públicas, áreas de lazer, passeio, ciclovia, entre outras melhorias ao longo da via.

Os investimentos totais para a obra devem chegar a R\$ 45,6 milhões, conforme divulgado pela Prefeitura Municipal e, após concluída, vai facilitar o acesso à BR-448, desafogando o trânsito na Avenida Guilherme Schell. O projeto total da Perimetral tem previsão de conclusão para o final de 2024.

Eu pude viver a dinâmica da cidade, acompanhar as mudanças nas ruas que eram de chão batido e que daqui a pouco começou a chegar o calçamento e, depois, já era o asfalto. E hoje o bairro está se transformando com a Perimetral que está sendo construída e vai ser a maior da cidade. Ela começa na Mathias Velho e vai até a divisa com Porto Alegre. As obras estão bem adiantadas, tem a parceria com a Aeronáutica. — (Beth)

O desenvolvimento do Rio Branco tem forte ligação com o desenvolvimento das estradas, desde o início de sua história, pois foram as estradas que passaram a atrair moradores, como após a inauguração da faixa de cimento que ligava Canoas à Porto Alegre, em 1934.

Se conhecer, de saber um do outro, até dessas coisas de perguntar como está... o bairro desenvolveu, cresceu, tem comércio, mas mesmo crescendo, tu ainda continuas vendo as relações das pessoas, de tu passar pela rua e ouvir, "Bom dia, como é que está?". Aquela coisa que eu costumo ver muito a minha avó fazer, "Como é que está a fulana? E o marido?". Então, é muito interessante, porque apesar de todo o crescimento, tu ainda tens aquela relação próxima... — (Priscila)



Construção da Perimetral Oeste
Foto: Gustavo Garbino

A minha vizinha, professora Ida Garlipp, foi uma segunda mãe para mim e para a minha esposa, por sorte nossa viemos morar de frente para a casa dela, eu e minha Maria. E a Ida achou bom, um casazinho novo, “De onde é que vocês são?”, aquelas coisas de acolhida, “Ah, nós somos de Rio Grande”. Depois os filhos nasceram ali, três filhos. [...] Ela era professora, muita gente aqui do bairro com certeza vai lembrar dela, do sacrifício que ela passava. [...] Então, dona Ida foi assim, nos visitava diariamente, era só atravessar a rua, e preocupada com os filhos e se colocando sempre à disposição, “Se precisar de alguma coisa, eu moro ali, bate ali”. Uma mãe daquelas grudentas mesmo, que não deixava os filhos longe de maneira nenhuma. — (Idelmar)

Como se denota dos depoimentos, o Rio Branco é um bairro onde as pessoas se cumprimentam, são reconhecidas, se sentem amparadas e seguras por esse reconhecimento, como comenta DJ Cabeção: “Todo mundo vai lembrar do pipoqueiro, da Irmã do Imaculada, do DJ Mingau”.

Apesar das mudanças trazidas pela contemporaneidade, o bairro é como um espaço que resiste, mantendo as pessoas próximas. Um lugar onde as ruas são a “casa”, com espaços acolhedores e a partir deles, vão construindo e mantendo a intimidade com o bairro e sua geografia, acompanhando as mudanças que o tempo opera. Seguem cumprimentando os vizinhos e relatando suas histórias nas rodas de conversa.

O futebol e o bairro: uma história longa

É só ter uma bola que o futebol já acontece no bairro, seja na rua, nas escolas ou no tradicional futebol de várzea. O futebol de várzea, nome muito usado nas regiões sul e sudeste do Brasil, se tornou comum a partir de meados do século XX e se consagrou como espaço de sociabilidade e identidade social nos bairros, pois é jogado em campinhos. O termo várzea ficou tão comum que hoje é possível escutá-lo em diversas transmissões de jogos.

Bah, o domingo era muito de campinho de futebol ... Eu me lembro que aqui era o futebol, aquele campinho que antes tu tinhas nas esquinas. Eu joguei futebol numa esquina com o Falcão, não era campo, era aqueles terrenos baldios que tinha. Nós fazíamos campinho de futebol. Eu me lembro que nós saíamos da aula, do recreio, para jogar bola e tinha essas figuras aí. Na Rio Branco, cada lugar tinha um campo: Santa Fé, Maracanã, Eucalipto Velho, Veronese, São Jorge, que existia atrás da Igreja. Em cada lugar existia, o próprio campo dos bois que era atrás da Frigosul ... Era sempre lotado, todos os campos eram lotados. — (Beto)

A relação com o futebol mantém vivo ainda hoje o nome do frigorífico, o Frigosul. O clube foi fundado em 18 de abril de 1940, como Frigoríficos Nacionais Futebol Clube, ligado à empresa em que foi fundado e, atualmente, permanece um espaço de convivência importante para a comunidade do bairro. Conforme Tatiano Corrêa Machado, empresário do bairro e Presidente do Clube Frigosul (em 2021, período da pesquisa de campo), o clube está diretamente ligado à vida do bairro.

Todo mundo tem uma história no Frigosul, ou se casou ali, ou namorou, ou conheceu o amor da sua vida ali, ou fez a festa de 15 anos. O tempo passou, mas a história fica, tem os seus registros, tem os troféus. A gente contava os momentos para domingo ir para o Frigosul, para viajar, para ir na excursão dos jogos fora, geralmente fora, e era muito bom, a torcida era cinco, seis ônibus. Seu Marino lotava aqueles Romeu e Julieta [ônibus duplo], ia sempre lotado. Nossa programação de domingo à tarde era ir para o jogo, e de noite o baile. Hoje temos um grupo nas redes sociais, o POP Som, criado pelos filhos do DJ Mingau, ali tem muita lembrança da Rio Branco e do Frigosul. — (Tatiano)

A sustentabilidade do clube é minha maior preocupação. O momento da pandemia foi terrível, mais de um ano sem abrir, como é que faz para pagar as contas que não param de vir? Foi um tempo difícil. O Clube tem uma diretoria, com eleição registrada em cartório, juridicamente ativo desde 1948. Atualmente, estamos retomando muitas atividades, como a Escolinha de Futebol e a locação e acesso ao Clube para jogar durante a semana. Oferecemos também no espaço a Ginástica Funcional, bem acessível. Tem o nosso projeto do campeonato que a gente faz, organizamos campeonato de futsal, que já está na sétima edição, e agora vamos começar o campeonato de campo. Vêm equipes de vários lugares disputando esses campeonatos. O vice-presidente, Jairo Batista, coordena a categoria de veteranos. Estou com um projeto de colocar o clube no futebol sete, que é um esporte que vem crescendo bastante e tem umas ligas bastante movimentadas. — (Tatiano)

Carnaval: um bairro em festa na rua

Canoas conta com diversas escolas de samba. A história do Carnaval da cidade é contada por meio de depoimentos no filme *A História do Carnaval em Canoas*, em que a Acadêmicos da Rio Branco também tem participação. No ano de 2011, a escola, que teve como tema “Hoje sou Leopoldina Imperatriz do Brasil, 30 anos de reinado do samba”, foi a grande campeã. Carnaval é mistura de ritmos, cultura e trocas de experiências e, no bairro Rio Branco, representa mais uma vez a união dos moradores da localidade.

Convivência Contextualizando

Uma festa portuguesa com certeza!

O Carnaval foi trazido para o Brasil pelos colonizadores portugueses entre os séculos XVI e XVII. Esta festa é vista como uma festa cristã, pois tem relação direta com o jejum quaresmal, contudo, na antiguidade na Babilônia há registros de duas festas que dão indícios do início do Carnaval. Há ainda uma forte associação entre o Carnaval e as orgias, festas de origem greco-romana dedicadas ao deus do vinho, Baco. Mais tarde, passou também pela Europa na Idade Média até chegar no Rio de Janeiro no período pré-colonial e caracterizado por diversas brincadeiras. Hoje, os ritmos do Carnaval em nosso país são o samba, o maracatu e o frevo. Foi na década de 30 que o Carnaval se popularizou em nosso país, uma genuína expressão da cultura afro-brasileira. Após o surgimento do samba em 1910 é que vieram as escolas, mas sempre em paralelo houveram os blocos populares de rua. Hoje o Carnaval conta com blocos e os desfiles das escolas de samba.

O Carnaval é uma tradição no bairro Rio Branco. Em 2011, um grupo de pessoas nos procurou para organizarmos uma escola de samba, eu fiz uma junção do Frigosul com o Carnaval. Um dos fundadores da escola foi o Pedro Luiz Gregório, que era o Rei Momo, e aí surgiu a Acadêmicos da Grande Rio Branco, que tem como símbolo o Sol e a Lua. Em 2010 a escola já havia disputado como bloco de carnaval, e no ano seguinte, como escola de samba conquistando o campeonato. Em 2012 e 2013 ficou com a segunda colocação e em 2014 foi encerrada a participação com o terceiro lugar.

Formamos muitas pessoas que continuam no Carnaval até hoje e somos convidados a participar em outras escolas também. Foram tempos memoráveis, que hoje as pessoas “Ah, por que não volta?” — (Dj Cabeção)

A escola de samba do bairro, no ano de 2011, adentrou na avenida com 500 componentes e dez alas. Naquele ano, o samba enredo foi interpretado por Renan Ludwig. Sobre o desfile da Escola campeã, a Prefeitura de Canoas publicou:

Fundada em 2009, a Acadêmicos surpreendeu na avenida com carros luxuosos e grandes. Última escola concorrente a desfilar na noite de segunda-feira, a Acadêmicos da Grande Rio Branco foi recepcionada por uma torcida eufórica nas arquibancadas. Carros alegóricos com efeitos luminosos, de longe destacavam seu desfile. As alas representando a natureza e o Brasil, em perfeita sincronia. O colorido ficou garantido em toda a extensão do desfile. Luxo e criatividade nas fantasias, e em alegorias, como o carro simbolizando a natureza, com a figura gigante de um índio, além de matas e animais como pássaros. Ao lado de dois beija-flores, a bela destaque sambava a mais de três metros de altura. A coroa, símbolo da Imperatriz, precedeu a última ala na roupa dos sambistas, no final do desfile, em que a escola não hesitou em ousar.

Fonte: Prefeitura Municipal de Canoas (2011).

Em paralelo às escolas de samba, uma grande festa popular e de rua, organizada pelo Sr. Aldenir Azevedo, o Deni, tomava forma. Foi no de 2000 que a festa de rua teve dez dias de duração e, segundo reportagem do Jornal Diário de Canoas, de 22 de dezembro de 2000, na página dez, o Carnaval atraiu foliões de outras cidades e abrangeu de 25 a 30 mil pessoas. Segundo Deni, o Carnaval iniciou na década de 60, com a escola de samba Garotos do Ritmo, que depois modificou o nome para Gaviões do Ritmo.

Após o término dessa escola em 1985, no ano de 1989 Deni iniciou o Carnaval de Rua do Bairro Rio Branco, com o nome de Carnaval Participação. Inicialmente, nos dois primeiros anos, a festa acontecia na Rua Primavera. Depois, no ano de 1993, no Parque Eduardo Gomes e em 1994, na Praça em frente à Igreja Imaculada. A organização era comunitária e contava com o apoio dos comerciantes. Conforme Dj Cabeção, o Carnaval do bairro ocorreu durante 14 anos, e ficou sem ocorrer durante mais 14 anos.

O carnaval de bairro foi retomado em 2019, na área da praça central, com organização comunitária. Segundo a Brigada Militar, a gente colocou 10 mil pessoas, fez um baita Carnaval e muito seguro. No segundo ano, 2020, a organização esteve a cargo da ACERB, Associação dos Comerciantes e Empresários do Bairro Rio Branco. A gente colocou 12 mil pessoas, segundo a Brigada Militar, com uma estrutura maior, desde gerador a palco, atrações ... Todo carnaval de rua, historicamente, vem de uma história do bloco, tocando a marchinha. Em Salvador, se levou outros elementos para o Carnaval, como eletrônico, funk, se transformou o Carnaval numa festa, de forma mais aberta. Resolvemos fazer um Carnaval diferente também, nesse estilo aberto, teve oposições, mas como o resultado foi tão positivo, não teve o que dizer. A gente vai fazendo para alegrar as pessoas. E fazemos todinho por dinheiro privado ... colocar 10 mil de pessoas no bairro onde a gente mora é um tamanho de grande evento! A gente fez com tantas mãos, sabe? E o bairro que criou essa festa, faltava isso, foi tão lindo. — (Dj Cabeção)

Renovação



Uma casa sempre tem mudanças

A história e a cultura transmitidas pelos moradores dão vida e forma ao bairro Rio Branco, fortalecendo os laços com as novas gerações.

O bairro sempre teve sua história muito marcada pela posição geográfica, e com isso, ao longo do tempo, os moradores foram constantemente desafiados a se adaptar, lutar e inovar. A vida do bairro se entrelaça especialmente com o rio, e os mais antigos sempre têm algum episódio sobre enchente para contar. Mas também é pelo rio que chegam os barcos nos dias de hoje e antigamente era por ali que se dava o lazer e a diversão, como lembram em seus depoimentos Beth Colombo e Carmem Trillo Salvador, antigas moradoras do Rio Branco.

Minha infância e a minha juventude foi ali. Andava de bicicleta e passeava pelas chácaras para pegar bergamota. Nós pegávamos uma barca e íamos para a praia do Paquetá. Era uma barca areeira e nos finais de semana eles colocavam bancos e faziam lotação. A gente saía cedo, fazia fila... a gente combinava e metade da rua ia na mesma barca. — (Beth)

O rio era uma atração, com aqueles navios entrando... Uma outra coisa que eu lembro é do rio com água limpa, se ia para beira do rio lavar roupa. Um evento que se fazia na minha época era os passeios do pessoal da Rio Branco, que frequentava muito a prainha de Paquetá, na orla do Rio dos Sinos, entre Canoas e Nova Santa Rita. Eles pegavam uns barcos grandes e enchiam de pessoas, a gente fazia volta de barco pelo rio e ia para a prainha. O passeio tinha uns pontos em que os barcos paravam e também se trazia leite das ilhas de lá para entregar aqui. Algumas pessoas tinham aqueles barcos maiores também, aí a gente saía com a família para passear, saltava na água, era gostoso. A gente vinha até o lado de Niterói, que também tinha local para acampar e fazer churrasco. Eu sei que eu era bem criança quando eu via isso. — (Carmem)

O bairro Rio Branco é parte de um todo e sua história está intimamente ligada aos processos históricos e ao desenvolvimento econômico da região. Sua localização estratégica — próxima aos acessos e vias de ligação, como BR-116, o Trensurb, a BR-448 e chegada da perimetral — sempre foi um aspecto facilitador para a circulação e fluxo de pessoas, mercadorias e ideias e insere o bairro no centro mesmo das transformações da Região Metropolitana de Porto Alegre.

Uma característica relevante das regiões metropolitanas como um todo é o deslocamento de pessoas, que são atraídas pela oferta de serviços e de emprego. Atualmente, Canoas é uma cidade em franco crescimento, se tornando uma área atrativa para toda a região, uma dinamicidade também perceptível nos relatos de Beth e Luma Torres de Oliveira.

Quando a Cofercan chegou e começou a crescer e trazer desenvolvimento eu lembro que todos falavam. Eu lembro também que tinha outras empresas como a madeireira Lotici, por exemplo, mas esta já estava ali. — (Beth)

Eu trabalho há 12 anos no bairro e vejo que ele evoluiu muito, ele era bem diferente. Eu acho que o bairro, com as empresas e a Cofercan, ganham outra valorização. Até a praça que era atirada, agora mantém uma limpeza. Aqui no bairro a gente compra bastante açaí, vai no posto e na padaria. — (Luma)

B. Rio Branco
Zona Industrial 



BR 448: acesso ao bairro Rio Branco
Foto: Marcos Quintana

Renovação Contextualizando

A Região Metropolitana de Porto Alegre

A Região Metropolitana de Porto Alegre – RMPA é a maior área povoada do Rio Grande do Sul, concentrando 4,4 milhões de habitantes. A RMPA foi instituída formalmente através da Lei Complementar Federal n. 14, de 08 de junho de 1973. Inicialmente, 14 municípios faziam parte dela: Alvorada, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Estância Velha, Esteio, Gravataí, Guaíba, Novo Hamburgo, Porto Alegre, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul e Viamão. No ano de 2000 foram incorporados mais seis municípios. Hoje, 34 cidades fazem parte da Região Metropolitana de Porto Alegre. É importante mencionar que o crescimento demográfico da Região Metropolitana vem das migrações internas, da interligação das malhas urbanas e das emancipações.

Informações geográficas

Canoas faz parte dos 34 municípios da Região Metropolitana.

É a cidade mais populosa da região com mais de 349.728 habitantes, conforme Censo do IBGE de 2021.

É a 3ª cidade com maior PIB do RS e a 41ª cidade com o maior PIB no Brasil.

A cidade, que hoje é constituída apenas por zona urbana.

A população é miscigenada, sendo formada por diversas etnias, como italianos, alemães, árabes, palestinos, ucranianos, portugueses e africanos.

Canoas tem área de 131 quilômetros quadrados.

A economia canoense baseia-se em serviços, comércio, indústria da transformação e logística.



ESTAÇÃO
NITERÓI



Mobilidade urbana: Estação Niterói
Foto: Marcos Quintana





Final da Rua Primavera
Foto: Marcos Quintana

80

Distâncias



13,2 km Bairro Mathias Velho

10,1 km Bairro Igara

6,6 km Bairro Nossa Senhora das Graças

13,2 km Bairro Guajuviras

12,4 km São Luís

8,6 km Praia do Paquetá

19 km Porto Alegre

11,1 km Aeroporto Salgado Filho

460 km Florianópolis

739 km Curitiba

1128 km São Paulo

1568 km Rio de Janeiro

3095 km Salvador

4460 km Manaus

O bairro Rio Branco situa-se na extremidade sul do município de Canoas, tendo como limites, ao sul, o Rio Gravataí, abrangendo até a rua Machado, que é seu limite norte. Ao leste, é demarcado pela Av. Guilherme Shell e BR-116, e a oeste, pela Rodovia do Parque (BR-448), que faz divisa com o Rio Jacuí. A posição de fronteira, nos limites entre a cidade de Porto Alegre e de Canoas, configurou uma situação de constante fluxo de pessoas, mercadorias e possibilidades que, se por um lado dinamizou a economia e trouxe bem-estar, também trouxe constantes mudanças e novidades.

A ligação do bairro não era com o centro de Canoas, era com o centro de Porto Alegre. Então, as compras, os depósitos que tinha que fazer na Caixa Econômica ... eu me lembro da minha mãe indo até o centro de Porto Alegre para fazer as compras, fazer os depósitos. Eu fui conhecer Canoas quando eu fui estudar no "Auxiliadora", porque para mim a gente era ligado com Porto Alegre. — (Carmem)

Antes, a gente ia longe para ir ao supermercado e na farmácia. Hoje não mais, a gente tem várias farmácias, lojinhas de roupa. O bairro cresceu muito nos últimos anos, aumentou inclusive o número de postos de saúde, a UPA é muito boa, ela foi modelo durante o covid-19. A gente vê que o bairro cresceu junto com as empresas. Muitos vizinhos meus do condomínio perderam o emprego na pandemia e eles se reinventaram e acho que foi ali que muitos se descobriram e deram outro rumo para suas vidas, empreendendo aqui no bairro e oferecendo bons serviços e estão crescendo, vendendo para fora, no iFood...". — (Adriana Nunes)

As perspectivas demonstradas nas falas de Carmem e Adriana, ambas moradoras do bairro Rio Branco em diferentes períodos de sua história, apontam para contextos, contornos e fluxos, chamando a atenção para os momentos diversos de transformação no desenvolvimento, já que sua localização favoreceu essa dinâmica constante.

Se os moradores transitavam "de dentro para fora", em uma alusão ao seu movimento de buscar trabalho e serviços em Porto Alegre, o bairro Rio Branco — enquanto uma unidade territorial com uma identidade partilhada própria — parece existir "dentro", pois para acessar suas feições interioranas, é preciso adentrar, tal qual se entra em uma cidadela murada, cuja beleza e calma se mostra apenas no lado interno. Essa imagem contribui para compreendermos que, para se acessar os sentimentos e percepções próprias de um lugar, é preciso pertencer e conviver com sua comunidade, sentimentos que Beth e Dj Cabeção, subprefeito da Subprefeitura Sudoeste de Canoas e morador do Bairro Rio Branco demonstraram em seus depoimentos.

A Vila Rio Branco é um lugar de raízes, de cultivar o sentimento da terra. Isso sempre fez com que ela estivesse entre os menores índices de criminalidade, ela foi uma comunidade que sempre recebeu a infraestrutura necessária. Minha fala é de muito orgulho ... Até hoje ela mantém a sua característica de cidade do interior, mas agora com a perimetral acredito que ela vai mudar mesmo. É um novo avanço. — (Beth)

Mas o que acontece aqui em Rio Branco, a gente tem uma brincadeira do bairro, que fala que o Rio Grande do Sul acha que vai se dividir do Brasil; Canoas tem isso no Rio Grande do Sul, que canoense veste muito sua camisa, sua cidade. E o Rio Branco tem esse lado de achar que é uma cidade, o rio-branquense. Eu tenho alguns sentimentos pelo bairro. O bairro tem uma coisa que parece clichê, mas é algo chamado união. Por exemplo, quando tem um problema, todo mundo sofre com aquilo... que é o que eu falo da união. — (DJ Cabeção)

Na perspectiva da renovação, percebe-se contemporaneamente, um movimento novo, que é um fluxo de pessoas que procuram o bairro Rio Branco para habitar, trabalhar e expandir seus negócios.

Marina percebe o crescimento econômico do bairro, e Nilson Roberto, antigo morador do Rio Branco, voltou a morar recentemente, construindo um condomínio.

O bairro cresceu como um todo. Hoje as pessoas estão abrindo os seus próprios negócios, como venda de alimentos, roupas, conserto de bicicleta, lavagem. Isso é bom pro bairro. A Cofercan atende muito serralheiro do bairro, mas também atende indústrias, empresas bem maiores. Até mesmo os serralheiros subiram de patamar, eles têm mais estrutura, é outros tempos. As pessoas chamam no Whatsapp, não batem mais na porta uns dos outros. — (Marina)

Foi um retorno de bastante tempo. Eu nunca saí daqui na verdade, meu título eleitoral, continuei votando no mesmo lugar, nunca cheguei a sair daqui ... mas o retornar a morar aqui foi agora, [...]". — (Beto)

A infraestrutura do bairro: ontem e hoje

No bairro Rio Branco os moradores sempre foram em busca das melhorias necessárias à qualidade de vida, conquistas vindas das lutas e da organização por parte da população. Após a construção do dique, as demandas em torno de segurança, lazer, saúde e educação tornaram-se o foco.

Tem alguns casos pitorescos pra contar sobre o bairro. Uma noite, isso foi lá por 1973, 1974, estou voltando para casa, desci e pensei: Mas essa aqui não é minha rua! Porque minha rua, a Nelson Paim Terra, não tinha iluminação. Eu saía de casa às 6 horas da manhã para trabalhar, era inverno e estava escuro; eu voltava às 20 horas, era escuro também. Aí uma bela noite, eu desço na faixa, tudo direitinho, e fico admirado: a rua toda iluminada! Pensei, não pode ser, será que eu estou na rua certa? De fato, era a rua certa, eles tinham colocado a iluminação. Mas que prêmio, que coisa maravilhosa, a diferença das trevas para a luz, da noite para a luz, e foi esse o caso. — (Idelmar)

Hoje a realidade é bem outra. Com equipes inclusive na madrugada, o serviço de iluminação recupera e implementa a iluminação pública no município. Ainda no ano de 2021, a Prefeitura de Canoas investiu mais de R\$ 6 milhões na melhoria da iluminação pública. Foi no ano de 2000 que a pavimentação das ruas e uma série de melhorias na infraestrutura garantiram ao bairro Rio Branco uma valorização que repercutiu nos pequenos negócios e no setor imobiliário.

Trabalhei e me aposentei. Mas passei muito trabalho antes do trem, tu não imaginas como é que era pegar um ônibus aqui na faixa para ir para Porto Alegre de manhã, passava meia dúzia de ônibus lotados e tu ficava na parada. Muitas vezes cheguei no horário do trabalho em Porto Alegre porque pegava táxi que levava passageiro até o centro de Canoas e na volta estava vazio. Mas depois que veio trem, aí foi um alívio, foi uma beleza. — (Idelmar)

Em abril de 1980, foi criada a Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre e cinco anos após, no dia 2 de março, foi inaugurado o primeiro trecho que tinha 27 quilômetros de extensão. Das 15 estações que ligavam Porto Alegre a outras cidades, Canoas era uma delas. Uma das estações do sistema metroviário passa pelo bairro, a Estação Niterói, que trouxe maior mobilidade aos moradores. No ano de 2014, chegou ao Brasil a Uber, empresa que tem a maior plataforma de mobilidade no mundo, oferecendo serviços de transporte. Segundo dados recentes, mais de 500 cidades brasileiras contam com os serviços da empresa, realizados por cerca de 1 milhão de motoristas e entregadores parceiros. Depois do trem, as empresas de aplicativos de mobilidade também revolucionaram o meio de transporte no mundo e no Rio Branco.

O bairro cresceu e se desenvolveu, novos empreendimentos vieram e se instalaram, como redes de supermercado e farmácias, e com isso se deu uma nova circulação de mercadorias, pessoas e os fluxos.

Nunca teve, na história do bairro, uma farmácia 24 horas, e por ironia do destino, uma das primeiras UPA 24 horas de Canoas foi a do bairro Rio Branco. O cara saía à meia-noite da UPA e não tinha como comprar remédio no bairro, só tinha no centro.

Então dialogamos com os órgãos da municipalidade e com o empreendimento já existente na Praça, e em duas semanas, a farmácia passou a atender 24 horas. Nessas ações que a administração realiza para tentar ajudar as pessoas, tem o olhar da gente que vive aqui, que mora aqui. — (DJ Cabeção)

Nós aqui não tínhamos banco nenhum, fazia muita falta, tinha que sair daqui e ir ao centro de Canoas, ia lá, fazia o pagamento e coisa e tal... Agora nós temos a Caixa Econômica Federal aqui do nosso lado e as lotéricas também, muito importante. Imagina aquela da Praça o movimento que tem, e aquele pessoal de lá tinha que vir tudo para essa lotérica aqui perto do trem... Então, ao abrir mais uma lotérica, atenderam aquele povo da metade lá pra baixo do bairro, excelente... Faz falta mais agências bancárias no bairro. — (Idelmar)

As melhorias na localidade acontecem de forma permanente, e mesmo durante a pandemia, os moradores receberam a revitalização da praça Cônego Lotário Steffens em uma parceria entre a Secretaria do Meio Ambiente com a Subprefeitura Sudoeste, bem como a entrega da primeira farmácia 24 horas do bairro e um Ponto Base Comunitário.

A partir do ano 2000, iniciou-se um processo de desconcentração dos serviços na capital, e cidades como Canoas passaram a oferecer núcleos de serviços e especialidades com potencial atrativo. A partir desse novo contexto, no bairro Rio Branco a economia teve uma diversificação muito visível.

O bairro realmente foi mudando, hoje está bem melhor em relação há trinta anos atrás, é outra situação, bem diferente. Tem o Moinho, da farinha Rosa Branca, que até hoje funciona, a Liquigás, a Ultragás, a Cofercan, todas essas empresas, que geram bastante emprego. Uma das maiores empresas que tem no bairro é o Formentom, que tem uma forte rede de supermercados, só aqui no bairro eles tem três supermercados, é uma rede forte em Canoas. Se eu te falar que esse cara começou com um espaço do tamanho dessa mesa, vendendo cachaça e madeira... Antigamente ele se chamava "Formentom", hoje ele é o Unisuper, essa rede começou aqui no bairro Rio Branco. Na verdade, a Cofercan não sei como cresceu tão ligeiro, eu conheci a Cofercan era pequeninha. Hoje ela está aí, a Cofercan tem um potencial enorme. — (Pelamir)

A economia do bairro, além das grandes indústrias, é também movimentada por pequenos comerciantes e serviços, como farmácias, ferragens, materiais de construção, confecções, salões de beleza, pontos de gastronomia, telefonia, transporte... Para os comerciantes, os investimentos em asfaltamento e a tranquilidade, com redução da violência, dinamizaram a economia.

E assim o bairro cresceu como um todo.— (Marina)

EU
RIO



**SOU
BRANCO**





ILE
OGUM &
Atendimento de Registro e Transferência
98108-4804



Rua José de Alencar
Foto: Marcos Quintana



8


Charles

Ferragem e Ferramentas

A loja que tem TUDO!

PROMOÇÃO
Tubo e Lanta até 100mm



RIO BRANCO

PREFEITURA DE
CANOAS

UPA +
UNIDADE DE PRONTO ATENDIMENTO

Hugo
Lagranha

Rua Cairo

Rua
Engenheiro Chang

Atendimento
Incêndio

Unidade de pronto atendimento (UPA) Hugo Simões Lagranha
Foto: Marcos Quintana

FARMÁCIAS
Associada

994003561

Nina's
Embalagens e Doces
ARTIGOS PARA FESTAS - DESCARTÁVEIS - CONFETARIA - BAZAR
@ninasembalagensedoces
99424.0340

Embalagens e Doces
51 99424.0340
MARMITEK SACOLAS ARTIGOS DE FESTA BOBINAS PRODUTO LIMPEZA PAPELARIA



TELE-EMERGENCIA
51 3922

622

AQUI TEM
PREÇO BAIXO



Comércio local na Rua Cairú
Foto: Marcos Quintana



Adriana Coelho Gonçalves Nunes

Analista de compras desde 1998, com 42 anos de idade, casada e mãe de cinco gatinhas. Católica.



Beth Colombo

Secretária Municipal da Educação de Canoas e ex-vice-prefeita (2009-2016). Residente no bairro Rio Branco por 48 anos.



Carmem Trillo Salvador

Professora aposentada e moradora do Rio Branco durante a maior parte de sua vida. Boas memórias de infância no bairro.



Darci Cobalchini

Empresário e fundador da Cofercan, localizada no Rio Branco. Anteriormente, motorista de ônibus no bairro.



Gustavo Garcez de Carvalho

Jovem aprendiz no bairro Rio Branco, com o sonho de construir um futuro promissor.



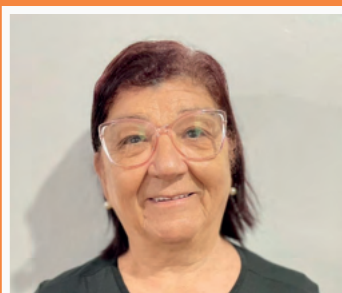
Herbert Poersch

Profissional liberal e residente do Rio Branco. Ativo na comunidade, participou da retomada do carnaval do bairro.



Idelmar da Silva

Eletricista aposentado, morador do Rio Branco desde 1971. Ativo na comunidade do bairro e na igreja católica.



Isolete Vasconcellos Soares (Kika)

Servente na Escola Monteiro Lobato, no bairro Rio Branco. Moradora antiga com muitas lembranças para compartilhar.



Kátiuscia Pinheiro Curtis

Nutricionista, com família que foi moradora e comerciante no Rio Branco por muitos anos. Atualmente, voltou ao bairro devido ao trabalho.



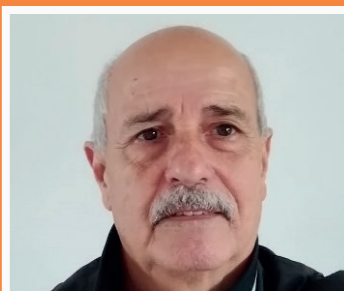
Luma Torres de Oliveira

Analista financeira desde 2010, trabalha há anos no bairro Rio Branco, casada e mãe de Lavínia, de 2 anos de idade. Cristã.



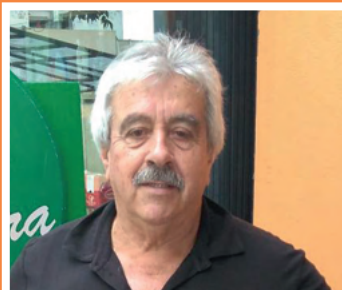
Marina Fernandes da Silva

Atua no setor de qualidade de uma empresa no bairro Rio Branco. Busca constante desenvolvimento, tanto profissional como pessoal.



Nilson Roberto Andrades (Beto)

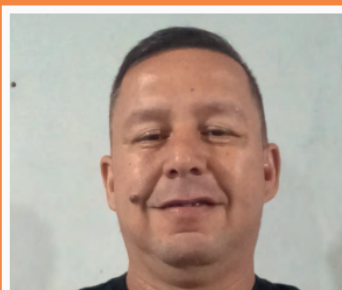
Engenheiro mecânico, sua família foi uma das primeiras moradoras do bairro Rio Branco, na época das chácaras.

**Pelamir Batista Fanfa** (*in memoriam*)

Servidor público do estado do Rio Grande do Sul e líder comunitário desde a fundação da Associação dos Moradores do bairro Rio Branco.

**Priscila Fernandes**

Professora na Escola Monteiro Lobato, onde também estudou na infância. Sua família é antiga moradora do bairro Rio Branco.

**Tatiano Corrêa Machado**

Morador e empresário no bairro Rio Branco, com vínculos através do futebol da Frigosul e do carnaval.

- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. São Paulo: FGV/CPDOC, 198.
- ANGELI, Douglas Souza. Existir e morar na cidade: vinte anos do projeto Canoas, para lembrar quem somos. *Mouseion, Canoas*, n. 21, p. 109-122, ago. 2015.
- BAULER, Silvia Regina Godinho. O futebol faz rolar mais do que uma bola: estudo sobre os significados do futebol em uma periferia urbana. Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- DAMATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAMO, Arlei. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. *Movimento, Porto Alegre*, v. 9, n. 2, p. 129-156, 2003.
- GONZÁLEZ, Ana Maria Sosa; VIEGAS, Danielle Heberle. Mundos do trabalho e suas memórias: o patrimônio industrial como possibilidade de reelaboração da memória social da Região Metropolitana de Porto Alegre. *Mouseion, Canoas*, n. 28, p. 55-69, dez. 2017.
- KERBER, Alessandro. Wilhelm Pommer: memória e trajetória de um pastor imigrante no sul do Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naira. Os alemães no Sul do Brasil. Cultura, Etnicidade e História. Canoas: Ed. da Ulbra, 1994.
- MYSKIW, M. Nas controvérsias da várzea: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. 415 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. (Entre)Linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto) biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, vol. 2, n. 4, 2014.
- PECHEUX, Michel. Papel da memória: In: ACHARD, Pierre [et al]. Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.
- PENNA, Rejane (coord). Canoas, para lembrar quem somos. Canoas: La Salle, 1994.
- MUNICIPAL DE CANOAS. Sobre Canoas. c2023. Disponível em <https://www.canoas.rs.gov.br/sobre-canoas/>
- RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. *Movimento, Porto Alegre*, v. 16, n. 3, p. 155-179, jul/set. 2010.
- Saldanha, Jesiel. "Prefeitura Municipal de Canoas - ACADÊMICOS DA GRANDE RIO BRANCO é a Campeã Do Carnaval Em Canoas." Prefeitura Municipal de Canoas, 30 Apr. 2015, web.archive.org/web/20150430025644/www.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/735. Accessed 24 July 2021.
- STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre. 2011. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre*, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 2013.



RIO BRANCO:

nosso bairro,
nossa história

Um livro escrito a partir das memórias dos moradores.



**Lei de
Incentivo
à Cultura**
Lei Rouanet

Patrocínio:

4Cofercan
Soluções em Aço

Realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO